

# GRAMÁTICA DERIVACIONAL DO PORTUGUÊS

GRAÇA RIO-TORTO  
ALEXANDRA SOARES RODRIGUES  
ISABEL PEREIRA  
RUI PEREIRA  
SÍLVIA RIBEIRO

2.ª EDIÇÃO

IMPRENSA DA  
UNIVERSIDADE  
DE COIMBRA  
COIMBRA  
UNIVERSITY  
PRESS

## CAPÍTULO 8. COMPOSIÇÃO

Sílvia Ribeiro, Graça Rio-Torto

### 8.1 Composição: definição e delimitação

A composição é um processo de formação de palavras (*abre-latas, ibero-americano, laparoscopia, mil-folhas, pé de atleta, projeto-piloto, zona industrial*) que envolve uma relação de concatenação, de cariz coordenativo, subordinativo ou modificativo, entre pelo menos duas unidades lexicais - radicais, temas ou palavras -, cada uma das quais marcada categorialmente como Nome, Adjetivo, Verbo, Advérbio, Preposição, Numeral ou Conjunção.

Funcionando como uma designação holística, com unicidade denotacional e monorreferencial, um composto pode definir-se como uma unidade plurilexemática cuja estrutura assenta numa equação do tipo:

$$[ [a]_X r [b]_Y ]_Z \text{ (Guevara \& Scalise, 2009)}$$

Neste esquema, [a] e [b] correspondem aos radicais, temas ou palavras constitutivo/as do composto; X, Y e Z representam as classes categoriais associadas a cada um desses elementos e ao produto composicional; e *r* representa a relação gramatical que se estabelece entre os termos.

Apesar desta base estrutural comum, os produtos compositivos exibem configurações formais bastante heterogêneas,

sendo difícil, em determinados casos, definir as fronteiras da composição <sup>93</sup>, sejam as que separam compostos de produtos derivacionais, sejam as que distinguem os primeiros de combinações sintáticas simples.

A proximidade entre produtos como *antiaéreo*, *hemiciclo*, *semicondutor*, e os compostos *biologia*, *caligrafia*, *geógrafo*, *regicida* ou *termômetro*, torna difícil aferir se os primeiros são produtos prefixados ou produtos compositivos. Apesar de esta dificuldade não se colocar quando estão em causa compostos morfossintáticos (*escola-modelo*) ou sintagmáticos (*caminho de ferro*) (cf. Secções 8.2.2. e 8.2.3. deste cap.), as fronteiras entre produtos prefixados e compostos morfológicos são mais permeáveis. Também as fronteiras entre compostos sintagmáticos e estruturas sintáticas não são consensuais, sobretudo porque, superficial e aparentemente, estamos perante construções muito semelhantes, como [*mala azul*], um grupo nominal vs. o composto [*saco azul*]<sub>N</sub> ou [*primeiro neto*], um grupo nominal vs. o composto [*primeiro-ministro*]<sub>N</sub>.

Os compostos que aqui se descrevem são unidades multilexicais que têm as seguintes propriedades (algumas delas admitem uma versão ‘forte’ e outra ‘menos forte, ou fraca’):

- são constituídas por um conjunto fixo de palavras e/ou de radicais;
- assentam numa forte coesão formal interna (ordem imutável, opacidade interna acentuada, total ou intensa, com grande dificuldade de inserção de novas unidades no seu interior, escassa possibilidade de extensão ou de redução do conjunto);
- exibem forte unicidade semântica, sendo tipicamente portadoras de um sentido unitário/bolístico, umas vezes composicional, outras lexicalizado/cristalizado em graus variáveis.

---

<sup>93</sup> Não obstante o recurso a critérios sintáticos, semânticos e prosódicos, Bisetto & Scalise (2005) ou Lieber & Štekauer (2009) sublinham a dificuldade em delimitar claramente as fronteiras da composição.

Como se observa ao longo do capítulo, as diferentes classes de compostos apresentam diversas propriedades em comum, assentam em relações gramaticais internas idênticas, variando essencialmente na sua constituição morfológica e categorial interna, no grau de lexicalidade que exibem e na área denotacional em que se inscrevem.

### 8.1.1 Produtos compositivos e estruturas sintáticas livres

As fronteiras que separam alguns compostos, nomeadamente os compostos sintagmáticos (*centro comercial*, *moinho de vento*), das estruturas sintáticas livres <sup>94</sup> são de difícil definição.

Na realidade, a principal propriedade definitória dos compostos é a sua opacidade interna (lexical e sintática), dado que os compostos são unidades impermeáveis a qualquer alteração/inserção no seu interior <sup>95</sup>, sendo marcados pela impossibilidade de alterar a ordem dos elementos compositivos ou de os substituir por outros. A pertinência destas propriedades torna-se mais evidente quando estão em causa compostos sintagmáticos (cf. secção 8.2.3.), como *caminho de ferro* ou *comboio de passageiros*. Exibindo uma aparência superficial idêntica à dos sintagmas livres e respeitando os padrões organizacionais próprios das estruturas sintáticas/sintagmáticas do português, estes compostos distinguem-se dos sintagmas correspondentes pela impossibilidade de inserção de

---

<sup>94</sup> Bisetto & Scalise (1999) e Lieber & Scalise (2007) identificam cinco testes fundamentais para distinguir compostos de estruturas sintáticas livres: (i) apagamento do núcleo em estruturas coordenadas; (ii) movimento wh-, (iii) topicalização, (iv) referência pronominal e (v) inserção de material lexical.

<sup>95</sup> Apesar da diversidade de testes aplicáveis, Bisetto & Scalise (1999: 35) afirmam que «the main test of compoundhood has always been the impossibility of inserting phonologically realized material between the constituents». Também Lieber & Štekauer (2009: 11) sublinham que «the most reliable [criterion] is the inseparability criterion: a complex form is a compound (as opposed to a phrase) if no other element can be inserted between the two constituents».

qualquer constituinte e pela impossibilidade de substituição dos constituintes em uso por hipotéticos sinónimos, como se constata pela análise dos exemplos seguintes:

- (1) *Eles restauraram um lindo [engenho de açúcar].*
- (2) *Eles restauraram um lindo engenho \*antigo de açúcar.*
- (3) *Compraste [vinho tinto]?*
- (4) *Compraste \*vinho completamente tinto?*
- (5) *Perante tamanha catástrofe, qualquer um perde o [sangue-frio].*
- (6) *Perante tamanha catástrofe, qualquer um perde o \*sangue gelado.*

A impossibilidade de alterações no interior dos compostos verifica-se, particularmente, no que concerne às condições de determinação: na realidade, quaisquer mudanças a este nível no interior dos compostos conduzem à perda de fixidez da construção, que, conseqüentemente, ou deixa de funcionar como composto, como se constata nos exemplos (8), (10), (12), ou se torna agramatical, como em (14).

- (7) *Ele marcou o nosso encontro para o fim de semana.*
- (8) *Ele marcou o nosso encontro para o fim da/desta semana.*
- (9) *Este documento é autenticado pela marca de água.*
- (10) *Este documento foi destruído pelas marcas da água.*
- (11) *Os pés de galinha são mesmo inestéticos.*
- (12) *Os pés da/desta galinha são mesmo inestéticos.*
- (13) *Foi, durante anos, o testa de ferro da empresa.*
- (14) *\*Foi, durante anos, o testa do/deste ferro da empresa.*

Analisemos com maior detalhe, a título de exemplo, as construções usadas em (7-8). O composto *fim de semana* denota o conjunto de dias de lazer no intervalo entre as semanas, ou seja, o período de descanso que vai do final da semana de trabalho até ao final

de domingo. Em *fim da semana* a presença do artigo definido *a* (*de+a>da*) circunscreve a extensão do elemento compositivo da direita para uma dada semana, contextualmente ou situacionalmente determinada e recuperável: o *fim da semana* compreende os últimos dias de trabalho e/ou de lazer da semana de que se fala.

Também as condições de adjetivação são um importante teste para distinguir um sintagma livre de um composto sintagmático: nestes últimos, a adjetivação é sempre aplicável ao todo, nunca podendo ter escopo apenas sobre um dos elementos compositivos, como se verifica pela agramaticalidade das estruturas em (16) e (18).

(15) *Eles tiveram uma [lua de mel] fabulosa nos Açores.*

(16) \**Eles tiveram uma lua de [mel fabuloso] nos Açores.*

(17) *O [bilhete de identidade] português foi substituído pelo cartão de cidadão.*

(18) \*?*O bilhete de [identidade portuguesa] foi substituído pelo cartão de cidadão.*

Em (15), o adjetivo *fabulosa*, no feminino, como o composto, é admitido em posição pré-composto — *[uma<sub>[-Masc]</sub> fabulosa<sub>[-Masc]</sub> [lua de mel]<sub>[+Masc]</sub>[-Masc]* ou em posição pós-composto — *[uma<sub>[-Masc]</sub> [lua de mel]<sub>[-Masc]</sub> fabulosa<sub>[-Masc]</sub>[-Masc]* —, tendo escopo sobre a totalidade do produto. A forma adjetival masculina *fabuloso*, que, como indicam as marcas de género e número, concorda com o nome *mel*, tem escopo apenas sobre um dos elementos do composto, criando-se, assim, uma situação de agramaticalidade (cf. 16).

Também em relação a *[o<sub>[+Masc]</sub> [bilhete<sub>[+Masc]</sub> de identidade<sub>[-Masc]</sub>]]<sub>[+Masc]</sub>*, admite-se *[o[bilhete<sub>[+Masc]</sub> de identidade<sub>[-Masc]</sub>] português<sub>[+Masc]</sub>]<sub>[+Masc]</sub>*, em que o adjetivo *português*, no masculino, tem escopo sobre todo o [NPrepN], como atesta a concordância de género entre o adjetivo e o nome. Pelo contrário, é inaceitável a estrutura *[bilhete de [identidade \*portuguesa]*, em que *portuguesa*, no feminino, mo-

dificaria o nome feminino *identidade*. Com efeito, os compostos apenas aceitam especificações ou complementações que incidam sobre a totalidade da estrutura.

Em suma, as estruturas em análise, quando sensíveis a várias formas de modificação interna (inserção de novo material lexical, substituição de algum dos elementos por eventuais sinónimos, modificação das condições de determinação) e ao permitirem estratégias de adjetivação com escopo sobre apenas um dos seus constituintes, deixam de estar sujeitas às restrições que cimentam a sua coesão e opacidade internas: uma vez violadas tais premissas, estas estruturas ou deixam de ser gramaticalmente aceitáveis, ou passam a poder funcionar como sintagmas livres <sup>96</sup>.

### 8.1.2 Produtos compositivos [ $\pm$ sintagmáticos] e unidades multilexicais

Resultando de um processo de formação de palavras que se ancora na concatenação de duas ou mais unidades lexicais, os compostos inserem-se no amplo conjunto das unidades multilexicais, entendidas como «sequências de palavras com comportamentos unitários ou tendencialmente unitários, isto é, semelhantes aos de uma palavra única, resultantes de conexões formais e semânticas que se foram estabelecendo entre os seus elementos e que o uso consagrou» (Nascimento 2013: 215). Na realidade, a delimitação entre compostos e outras unidades multilexicais não é linear nem isenta de dificuldades, sobretudo porque muitas das propriedades definitórias dos

---

<sup>96</sup> Em Português, são sobretudo estes os critérios operantes na distinção entre compostos e estruturas sintagmáticas, não se revelando pertinentes os critérios prosódicos. Já nas línguas germânicas a posição do acento primário permite distinguir compostos de sintagmas: nestes últimos o acento recai no respetivo núcleo (Ing.: *black board*), ao passo que nos primeiros ocorre no elemento não nuclear (Ing. *blackboard*). Este critério não é aplicável ao português, porque nesta língua (Vigário 2003; 2010) o acento ocorre sempre na última palavra fonológica do composto.

compostos atrás referidas são também características das unidades multilexicais, o que se tem traduzido no surgimento de um vasto leque de propostas de análise, nem sempre coincidentes, e na multiplicação de designações aplicadas às ocorrências em questão <sup>97</sup>.

É importante ter em conta, contudo, que, qualquer que seja a denominação adotada, trata-se de construções tendencialmente monorreferenciais, dotadas (em graus diversos) de fixidez formal e semântica, propriedades comuns às várias classes de compostos. Ainda assim, e apesar desta partilha de propriedades definitórias de base, a designação ‘unidades multilexicais’ afigura-se como demasiado lata para a adotarmos, pois nela se incluem produções muito distintas, como, entre outras, (i) siglas e acrónimos (na medida em que têm na base sequências lexicais de natureza sintagmática), (ii) fórmulas cristalizadas de saudação (*bom dia, até logo*), provérbios e máximas (*grão a grão enche a galinha o papo*), mas também (iii) compostos morfossintáticos (*casa-modelo, nado-vivo, peixe-martelo*), (iv) compostos sintagmáticos (*área de serviço, cabeça de casal, caminho de ferro, mãos rotas, pau mandado, paz de alma*), com graus de cristalização formal e semântica variáveis e (v) colocações/estruturas formadas por coocorrentes privilegiados (*fontes fidedignas, ódio mortal*).

Na realidade, as grandes oscilações no estabelecimento das fronteiras entre compostos e outras unidades multilexicais verificam-se sobretudo aquando da análise dos chamados compostos sintagmáticos, isto é, compostos cuja estrutura formal coincide superficialmente com a de um sintagma, como *área de serviço, cabeça de casal, caminho de ferro, mãos rotas, pau mandado*. Perante

---

<sup>97</sup> A este respeito, afirma Nascimento (2013: 217): «as unidades multilexicais têm recebido designações genéricas muito diversas e por vezes conflituosas, como sejam, entre outras, “frases feitas, expressões/frases estereotipadas/ cristalizadas”, “unidades multilexicais”, “expressões pluriverbais”, “locuções”, “lexias complexas”, “frasemas”, “pragmatemas”, “clichés”, “idiomatismos”, etc. Esta proliferação terminológica e o uso de termos diferentes com o mesmo sentido em nada têm contribuído para clarificar as noções relacionadas com este tema».



estas dificuldades de delimitação, assumimos que não há definições unívocas e universalmente aceites do que sejam compostos, lexemas sintagmáticos, sintagmas fixos ou locuções, mormente na língua portuguesa. Mesmo em outras línguas, como a alemã, cujas estruturas permitem uma distinção formal menos equívoca entre compostos e locuções/sintagmas fixos, ambas podem ser usadas em alternativa, intersetando-se os valores de umas e de outras.

No alemão, há sintagmas fixos cuja estrutura formal específica permite distinguir claramente um sintagma dos compostos AN correlatos. Tal acontece, por exemplo, com o sintagma [*altes*<sub>Adj</sub> *papier*<sub>N</sub>] ‘papel velho/antigo’ *vs.* o composto [*altpapier*]<sub>N</sub> ‘papel para reciclar’: no sintagma, o adjetivo *alt* está declinado (*altes*: nominativo ou acusativo), ao passo que no composto tal não acontece (*alt*). Apesar da existência destes critérios formais diferenciadores (que não existem de forma tão clara na língua portuguesa), os critérios semânticos ou pragmáticos por si sós não permitem antecipar quando uma construção AN vai ser usada no formato de composto ou de sintagma (*Optimallösung vs. optimale Lösung* ‘solução óptima’; *Sozialstruktur vs. soziale Struktur* ‘estrutura social’). Em várias circunstâncias ambas as construções são seleccionáveis no mesmo contexto pragmático, pois entre elas não há uma diferenciação semântica evidente <sup>98</sup>; é

---

<sup>98</sup> Os exemplos seguintes, extraídos de Schlücker & Hüning (2009: 217-218) confirmam que não há uma diferenciação semântica essencial, sendo as duas construções portadoras de um sentido composicional equivalente (mantêm-se as traduções dos autores): «Eine Extremposition [extreme Position] vertritt im Streit um Hitler der französische Filmemacher Claude Lanzmann (...). ‘An extreme position in this conflict about Hitler is taken by the French filmmaker Claude Lanzmann. [...]»

Zur gegenwärtigen Menschenrechtsdebatte sei festzustellen, daß es zwei extreme Positionen [Extrempositionen] hinsichtlich der Menschenrechte in der Welt gebe ‘With regard to the current debate on human rights it has to be stated that there are two extreme positions concerning human rights in the world. [...]»

Er beobachtete die Entwicklung von Sozialstrukturen [sozialen Strukturen] bei diesen Tieren. ‘He observed the development of social structures with these animals»[...]»

«Gesellschaftliche Orientierungslosigkeit zerstört soziale Strukturen [Sozialstrukturen] und fördert Gewalt. ‘Social disorientation destroys social structures and promotes violence».

antes uma opção de codificação da informação (cf. *carbo(h)idratos* ou *hidratos de carbono*), e de subsequente organização textual.

Em regra, o recurso a um composto, como *Fernstraßenbau-privatisierungsgesetz* ‘Lei de privatização de construção de estradas’, permite condensar informação (técnica, científica, administrativa), tornando mais económica a comunicação do que com um sintagma, como *Gesetz zur Privatisierung des Fernstraßenbaus*, ou *Gesetz zur Privatisierung des Baus von Fernstraßen*, ou *Gesetz zur Fernstraßenbauprivatisierung*. Assim, a opção por um composto prende-se com a necessidade de denominar algo, de substituir uma construção sintática complexa por uma menos sintagmática, de melhor organizar o contexto sintático e de codificar uma base para formação de novas palavras, o que um sintagma menos facilmente permite. Em português, como na generalidade das línguas românicas, essa possibilidade alternativa não existe de forma sistemática (cf. *carbo-hidratos* vs. *hidratos de carbono* mas *vinicultura* e cultura de tudo o que é vínico), pelo que, e apesar das tentativas de identificação de critérios diferenciadores pertinentes, as fronteiras entre composto sintagmático e unidade multilexical permanecem muito difíceis de traçar.

Um dos critérios apontados por Buenafuentes de la Mata (2010) ancora-se na distinção entre uma função classificatória/denominativa, própria dos compostos, e uma função mais qualificativa associada a outros tipos de sintagmas marcados por algum grau de fixidez (nomeadamente as colocações do tipo *ódio mortal*, *luta encarniçada*).

Em estruturas como *energia eólica*, *energia fotovoltaica*, *sal marinho*, *sal de mesa*, *pecado capital*, *pecado venial*, *estrela do mar*, *dia do senhor* são as funções denominativa e classificatória que sobressaem. As unidades lexicais são unívocas e monorreferenciais, pelo que deverão integrar o conjunto dos compostos. Já em *festa de arromba*, *nariz aquilino*, *palavras doces* é a função qualificativa a dominante, pelo que estas unidades integrariam o conjunto das colocações.

Porém, independentemente da sua estrutura interna, muitas unidades pluriverbais (*conto do vigário, desporto-rei, lua de mel, notícia-bomba*) acumulam os dois valores, pelo que se verifica que este critério também não é sistematicamente utilizável para demarcar compostos de colocações ou outras unidades multilexicais.

Estas dificuldades na identificação dos compostos e dos sintagmas fixos do português refletem-se, por exemplo, no que respeita à sua (oscilante) representação gráfica. Assentes no difícil e não unívoco conceito de locução, as soluções preoconizadas, a este nível, pelo Acordo Ortográfico de 1990 (doravante AO90), em nada contribuem para a superação dos problemas já identificados. De acordo com a Base XV, 1.º e 6.º do AO90, os compostos, hifenizados, não compreendem sequências com elementos de ligação, como preposições e conjunções. As sequências com formas de ligação são designadas ‘locuções’ e não compostos e não são grafadas com hífen (*cão de guarda, fim de semana, sala de jantar, cor de vinho, caminho de ferro*). Mas as exceções, decorrentes da alegada perceção da perda de sintagmaticidade ou do ganho de compositividade<sup>99</sup>, são abundantes (*água-de-colónia, arco-da-velha, cor-de-rosa, pé-de-meia*) e introduzem grande aleatoriedade na delimitação destes dois conjuntos<sup>100</sup>. A observação do consagrado pelo AO90 no que respeita a

---

<sup>99</sup> A perceção por parte dos falantes acerca da ‘compositividade’ de um composto não funciona como critério universal, pelo que não pode ser tomado em consideração, pelo menos de forma sistemática. Segundo o determinado pelo AO90 (base XV, ponto 1), as sequências VN *mandachuva, paraquedas* deverão grafar-se aglutinadamente, pois terão deixado de ser sentidas como compostos pelos falantes. Mas preconiza-se que *para-choque, para-raios* ou *para-brisas* continuem a ser hifenizados; ora, seria imprescindível aferir se os falantes não os sentirão já como compostos, tal como nos casos em que se determina a grafia aglutinada.

<sup>100</sup> A consulta do Vocabulário Ortográfico do Português (<http://www.portaldalinguaportuguesa.org/vop.html>), que operacionaliza as determinações incluídas no AO90, permite constatar inclusive a coexistência de estruturas para as quais se apresentam representações gráficas opcionais (*arco-da-velha* e *arco da velha; cor-de-rosa* e *cor de rosa; pé-de-meia* e *pé de meia*) e de estruturas, exatamente com as mesmas características, em que se aceita apenas a representação não hifenizada (*pé de atleta, pó de arroz, caminho de ferro, cão de guarda, fim de semana, cor de vinho...*).

construções do tipo de NA também não permite iluminar de forma unívoca o seu estatuto. Efetivamente, não se percebe por que razão surgem hifenizadas sequências como *amarelo-claro*, *azul-escuro*, *guarda-noturno* face a *salário mínimo*, *assessor geral* ou *consultor jurídico* (sem hífen). Na realidade, as alterações no interior das sequências seguem padrões semelhantes (*\*guarda muito noturno*; *\*salário muito mínimo*) e em todos os casos o adjetivo encontra-se no seu sentido não figural, pelo que não se compreende a preservação do hífen nuns casos e a sua eliminação noutros.

Uma vez que as construções do tipo NA/NprepN até aqui analisadas têm comportamento funcional-pragmático em tudo idêntico aos demais compostos, sendo criadas e usadas pelos falantes, tal como os restantes tipos de compostos, para suprir necessidades de denominação de novas realidades, não repugna considerar essas unidades pluriverbais ou multilexicais como compostos sintagmáticos, perspectiva que continua a ser partilhada por autores como Bernal (2012), Buenafuentes de la Mata (2010) ou Grossmann (2012) <sup>101</sup>.

### 8.1.3 Produtos compositivos e produtos prefixados

Conforme já referido no capítulo 7., a distinção entre elementos constitutivos de compostos e elementos prefixais permanece uma questão de difícil solução quando em causa estão compostos morfológicos (cf. secção 8.2.1.) e, particularmente, compostos neoclássicos, como *agricultura*, *biologia*, *geografia*.

---

<sup>101</sup> Em trabalhos recentes de Guevara (2012), Masini & Scalise (2012), Villoing (2012) aponta-se no sentido da exclusão de muitas estruturas NA/AN e NprepN do âmbito dos compostos, relegando-as para o amplo (e não definido) conjunto dos “phrasal lexemes” ou “lexicalized phrases”. Apesar de continuarmos a assumir a dificuldade na delimitação das fronteiras dos compostos, as escassas razões elencadas nestes trabalhos para fundamentar esta decisão não se afiguram, em nosso entender, suficientes.

Existem em português elementos formativos exclusivamente usados em posição prefixal, como *anti-*, *epi-*, *hemi-*, *hipo-* ou *macro-*, que revelam um comportamento que os aproxima tanto dos prefixos quanto dos elementos que integram os compostos morfológicos. Por isso, na secção 7.1. são incluídos no âmbito dos quase-compostos, estando num patamar intermédio no *continuum* entre prefixação e composição. Estes elementos, presentes por exemplo em *antidemocrático*, *epiderme*, *hemisfério*, *hipotermia*, *macrocosmos*, caracterizam-se, tal como os prefixos prototípicos, pela ocorrência obrigatória à esquerda dos produtos em que se integram, pela não autonomia, pela ausência de capacidade denominativa e de especificação de género e de número. Os elementos formativos dos compostos morfológicos, embora também sejam destituídos de autonomia, distinguem-se dos que ocorrem nos quase-compostos sobretudo por (i) estarem sempre associados a uma categoria lexical nuclear (nome: *demo-*, adjetivo: *cali-* ou verbo: *-cida*), e por (ii) poderem muitos deles ocorrer em posição inicial (*grafologia*) ou final (*caligrafia*).

## 8.2 Unidades de base, produtos e tipos de compostos

Os compostos do português podem conter diferentes classes de unidades lexicais:

- (i) palavras autónomas, flexionadas ou não (*a(s) matéria(s)-prima(s)*, (*um/uns*) *mãos-rotas*, *o(s) corta-relva(s)*);
- (ii) radicais simples (*austro-húngaro*, *franco-alemão*; *ibero-polonês* (PB)) e derivados (*económico-financeiro*, *africano-asiático*) e
- (iii) temas simples (*leite creme*, *guarda-chuva*) e derivados (*pistola-metralhadora*).

A estrutura de algumas palavras coincide com a de radicais (*amor* [*amor próprio*]; *papel* [*papel-moeda*]; *faz*, do verbo *fazer*, em *faz-tudo*) ou com a de temas (*senhora* [*Nossa Senhora*]; *guarda* [*guarda-costas*], *abre* [*abre-latas*], dos verbos *guardar* e *abrir*). O relevo dado às palavras (em contraponto aos radicais/temas), sempre que se fala de composição, deve-se ao facto de ser este o único processo genolexical em que é possível combinar palavras, flexionadas ou não. Na derivação há combinação de um lexema — na maior parte dos casos um radical ou um tema — com um afixo. Importa acrescentar que nos nomes de estrutura [NprepN]<sub>N</sub> a preposição é um constituinte dependente, e não um constituinte autónomo, ou um constituinte preso, como muitos dos radicais.

Para além desta diversidade de classes lexicais (radicais, temas, palavras) integráveis nos compostos do português, destaca-se também a variedade categorial dos elementos compositivos, sendo possível encontrar no interior dos compostos nomes, adjetivos, verbos, advérbios, pronomes, preposições e numerais, organizados de acordo com diferentes esquemas de combinação, conforme se visualiza no Quadro seguinte.

Esquemas compositivos	Exemplos
[NN] <sub>N</sub>	<i>camião-cisterna, escola-modelo</i>
[NA] <sub>N</sub>	<i>era cristã, sangue-azul</i>
[AN] <sub>N</sub>	<i>alto-relevo, belas-artes</i>
[VN] <sub>N</sub>	<i>abre-latas, tira-teimas</i>
[NumN] <sub>N</sub>	<i>mil-folhas, terceira idade</i>
[AA] <sub>A</sub>	<i>morto-vivo, surdo-mudo</i>
[NprepN] <sub>N</sub>	<i>caminho de ferro, camisa de forças</i>

Quadro VIII.1. Esquemas compositivos segundo as classes categoriais operantes.

Em português, os padrões compositivos mais produtivos são [NprepN]<sub>N</sub>, [NA]<sub>N</sub>, [VN]<sub>N</sub> e [NN]<sub>N</sub>. Os compostos de padrão [NV]<sub>N</sub> (*sanguessuga*), [VAdv]<sub>N</sub> (*fala-barato*), [VPron]<sub>N</sub> (*faz-tudo*) são residuais e

pouco produtivos atualmente. Por norma, em [VN]<sub>N</sub> a forma verbal apresenta-se com uma configuração igual à da 3.<sup>a</sup> pessoa do singular do presente do indicativo (*bate-papo, tira-nódoas, vale-tudo*), mas em casos pontuais a forma verbal apresenta uma configuração atípica, como *cessar-fogo, sol-pôr* ou *volte-face*, quiçá reveladora, neste último caso, de uma influência exógena à língua portuguesa.

Tendo em conta (i) o grau de autonomia das unidades que neles se incluem, bem como (ii) o grau de proximidade relativamente aos padrões sintáticos/sintagmáticos próprios do português, é possível distinguir dois grandes grupos de compostos:

- (i) aqueles que integram um ou mais elementos formativos não autónomos (*filosofia, franco-alemão, hidromassagem, ibero-americano, parquímetro*) e
- (ii) aqueles que são constituídos por duas ou mais unidades dotadas de autonomia (*abre-latas, cor-de-rosa, jardim-escola*).

Os primeiros, marcados pela presença de radicais greco-latinos e/ou de radicais vernáculos, são agrupados no âmbito dos compostos morfológicos, ao passo que os segundos, tendo em conta o grau de afastamento relativamente aos padrões sintáticos/sintagmáticos típicos do português, são organizados em dois grupos: compostos morfossintáticos e compostos sintagmáticos <sup>102</sup>.

Estas classes de compostos começaram por ser descritas por Di Sciullo & Williams (1987: caps. 2-4: 24 e 79), que distinguiram

---

<sup>102</sup> No “Dicionário Terminológico” em vigor no ensino básico e secundário de Portugal (cf. <http://dt.dgidec.min-edu.pt/>), apenas se diferencia **composição morfológica**, entendida como «processo de composição que associa um radical a outro(s) radical(is) ou a uma ou mais palavras (*agricultura, lusodescendente, psicopata*) e **composição morfossintática**, entendida como «processo de composição que associa duas ou mais palavras» (*surdo-mudo, guarda-chuva, via láctea*). Dado que os compostos sintagmáticos são um padrão muito recorrente em português e noutras línguas românicas, optamos por, na linha de Bisetto & Scalise (1999) ou de Val Álvaro (1999), propor uma divisão tripartida dos compostos do português.

“morphological objects”, como [*apple<sub>N</sub> pie<sub>N</sub>*]<sub>N</sub>, [*bar<sub>N</sub> tend<sub>V</sub>*]<sub>V</sub>, [*jet<sub>N</sub> black<sub>A</sub>*]<sub>N</sub> de “syntactic words”, como as francesas VN (*essuie-glace*), VA (*gagne-petit*), VAdv (*lève-tôt*) e VPrep (*saute-dessus*). Ambas as classes, independentemente de a estrutura ser mais ou menos sintagmática (*phrasal*, em inglês) ou mais ou menos morfológica, são unidades lexicais, isto é, unidades capazes de funcionarem como núcleos lexicais em sintaxe, e são caracterizadas pela atonicidade sintática, tendo portanto as propriedades essenciais para a definição de palavras ou ‘syntactic atoms’, na concepção destes autores.

É com base neste trabalho seminal que posteriormente se desenvolve a reflexão levada a cabo para as línguas românicas (Alves 1990; Val Álvaro 1999; Bisetto & Scalise 1999, 2005; Villalva 2000), sobretudo por contraste com as línguas germânicas, pois aquelas são essencialmente “left headed languages” e estas “right headed languages” no que aos padrões de composição diz respeito.

A diversidade de padrões compositivos da língua portuguesa leva-nos, portanto, a considerar não apenas duas, mas três classes de compostos (Rio-Torto & Ribeiro 2009, 2012; Ribeiro 2010), a saber:

- (i) compostos morfológicos
- (ii) compostos morfossintáticos
- (iii) compostos sintagmáticos

Importa explicitar que estas denominações não são as ideais para denotar as classes de compostos, sobretudo porque cada classe é definida em função de várias dimensões, o que as mencionadas denominações não refletem. A terminologia linguística em vigor em Portugal (cf. . <http://dt.dgicd.min-edu.pt/>) adota as duas primeiras classes, pelo que aqui também o fazemos, cientes de que muitos dos compostos ‘morfológicos’ são uma só palavra fonológica, e de que os compostos das duas outras classes são ‘double phonological words’ ou sintagmas fonológicos (‘prosodic word groups’, na designação de Vigário 2010).



Independentemente das classes lexicais dos respetivos elementos compositivos e do modo como estes se organizam (cf. Quadro VIII.1), os compostos do português são preferencialmente nomes (*abre-latas, aluno-modelo, azeite virgem, terceira idade, trem de aterragem*). Existem também, embora em menor quantidade, adjetivos compostos (*ibero-americano, morto-vivo, político-económico, surdo-mudo*) e verbos (*bem-fazer, bem-querer, maldizer*).

<b>Estrutura</b>	<b>Nomes</b>	<b>Adjetivos</b>	<b>Verbos</b>
[NprepN]	<i>cabeça de cartaz</i>	----	----
[NprepV]	<i>verbo de encher</i>	----	----
[NN]	<i>escola-modelo</i>	----	----
[VN]	<i>abre-latas</i>	----	----
[NA]	<i>sangue azul</i>	----	----
[VPron]	<i>faz-tudo</i>	----	----
[VAdv]	<i>fala-barato</i>	----	----
[AN]	<i>belas-artes</i>	----	----
[AA]	----	<i>surdo-mudo</i>	----
[NumN]	<i>mil-folhas</i>	----	----
[Adv + N/A/V]	<i>maltrapilho</i>	<i>malsão</i>	<i>maldizer</i>

Quadro VIII.2. Classes categoriais dos produtos de composição.

### 8.2.1 Compostos morfológicos

Os compostos morfológicos incluem pelo menos um radical não autónomo, frequentemente de origem grega ou latina, e caracterizam-se pela presença de uma vogal de ligação (abaixo representada como VL) entre os respetivos elementos compositivos. São possíveis vários esquemas compositivos no âmbito dos compostos morfológicos, conforme se constata no Quadro seguinte.

<b>Esquema compositivo</b>	<b>Exemplos</b>
Radical erudito + VL + radical erudito	<i>cardiopatia, nefrectomia, quiromancia</i>
Radical erudito + VL + palavra vernácula	<i>hidroavião, hidromassagem, vinoterapia</i>

Radical vernáculo + VL + radical erudito	<i>parquímetro, sambódromo</i>
Radical vernáculo + VL + palavra vernácula	<i>austro-húngaro, franco-alemão</i>

Quadro VIII.3. Compostos morfológicos - esquemas compositivos.

A não autonomia funcional dos radicais incluídos nestas estruturas aproxima-os dos afixos derivacionais que são, por definição, formas presas. No entanto, ao contrário dos elementos prefixais, que ocupam uma posição fixa dentro da palavra (*refazer*, *desleal*, *antidemocrático*), é comum que os elementos compositivos envolvidos nos compostos morfológicos possam ocorrer à esquerda ou à direita do composto (cf Quadro seguinte).

Radicais	Inserção à esquerda	Inserção à direita
-antrop-	<i>antropologia</i>	<i>filantropia</i>
-fil-	<i>filosofia</i>	<i>francofilia</i>
-log-	<i>logografia</i>	<i>grafólogo</i>

Quadro VIII.4. Posição dos elementos formativos nos compostos morfológicos.

Os radicais eruditos dos compostos, sejam de origem grega ou latina, caracterizam-se, ainda, por serem marcados categorialmente, como Nome ([*hidr-*]<sub>RadN</sub>, [*cron-*]<sub>RadN</sub>), Adjetivo ([*arque-*]<sub>RadA</sub>, [*cali-*]<sub>RadA</sub>) ou Verbo ([*-cid(a)*]<sub>V</sub>, [*-fer(o,a)*]<sub>V</sub>) e por terem capacidade denominativa/predicativa, conforme se exemplifica no Quadro seguinte.

Radical nominal grego		Sentido	Exemplos
Posição esquerda	Posição direita		
<i>antrop-</i>		'homem'	<i>antropofagia, antropologia</i>
<i>mel-</i>		'música'	<i>melodrama, melomania</i>
<i>etn-</i>		'raça'	<i>etnografia, etnologia</i>
	-alg-	'dor'	<i>cardialgia, rinalgia</i>
	-graf-	'escrita'	<i>biografia, caligrafia</i>
	-log-	'estudo'	<i>arqueologia, biologia</i>
	-metr-	'medida'	<i>optometria, pluviometria</i>

Radical adjetival grego		Sentido	Exemplos
<i>cal(i)-</i>		'belo'	<i>caligrafia, caligrama</i>
<i>ort(o)-</i>		'correto'	<i>ortografia, ortopedia</i>
<i>arque-</i>		'antigo'	<i>arqueografia, arqueologia</i>
Radical nominal latino		Sentido	Exemplos
<i>ign-</i>		'fogo'	<i>ignífero, ignífugo</i>
<i>calor-</i>		'calor'	<i>calorífero, calorígeno</i>
<i>pisci-</i>		'peixe'	<i>piscicultura, pisciforme</i>
Radical verbal latino		Sentido	Exemplos
	<i>-cida</i>	'que mata'	<i>fratricida, inseticida</i>
	<i>-gen(o,a)</i>	'que gera'	<i>cancerígeno</i>
	<i>-fug(o,a)</i>	'que afasta'	<i>centrífugo</i>

Quadro VIII.5. Elementos formativos greco-latinos - origem, categoria, posição e sentido.

Como os nomes *cultura, fobia, mania, terapia* se tornaram com os anos palavras autónomas no português, os compostos em que ocorrem (*aromoterapia, floricultura, gastromania, hidrofobia, ludoterapia, musicomania, sonoterapia, tomaticultura*) são constituídos por um radical preso e por um nome autónomo, unidos por uma vogal de ligação.

### 8.2.1.1 Vogal de ligação

A presença de uma vogal de ligação é uma marca definitiva dos compostos morfológicos, encontrando-se nos que se constroem em torno de dois radicais greco-latinos ([*arteri+o+sten+ose*], [*fratr+i+cida*], [*bemat+o+log+ia*]), e nos que incluem radicais vernáculos, como [*bidr+o+massage*], [*iber+o+americano*], [*samb+o+dromo*], [*volt+i+metro*]. As duas vogais de ligação são <i> e <o>.

O estatuto da vogal que conecta as unidades destes compostos não é consensual. Sincronicamente, estas vogais podem ser interpretadas como vogais de ligação que preenchem as condições silábicas decorrentes do encontro entre a consoante terminal do

radical da esquerda e o segmento inicial da unidade da direita. Sob o ponto de vista histórico, as vogais em causa têm origem em constituintes temáticos das respectivas bases, razão pela qual muitos autores optam por representá-las acopladas a estas. Recorde-se que muitas palavras de origem grega terminam em *-os* (*antropos*, *cronos*) e muitas latinas (*avis*, *piscis*), nomeadamente no genitivo (*ager*, *agri*; *vinum*, *vini*; *frater*, *fratris*), contêm *-i-* na última sílaba, razão pela qual são estas as vogais que figuram como vogais de ligação nos compostos em que estes elementos formativos ocorrem (*cardiologia*, *antropofagia*, *vinicultura*, *fratricida*)<sup>103</sup>.

Ainda que a vogal de ligação coincida, em alguns compostos, com a vogal temática do elemento formativo da esquerda, este padrão comportamental não é universal, constatando-se que nos compostos que incluem dois radicais greco-latinos a vogal de ligação é tendencialmente <*i*> quando o segundo elemento tem origem latina (*insetívoro*, *calorífero*, *matricida*), e <*o*> quando o segundo elemento é de origem grega (*hipódromo*, *rinopatia*, *cardiologia*). Este comportamento é evidente em *insetívoro*, *inseticida*, *insetofilia*, *insetologia*, *agrícola*, *agricultura*, *agrologia*, *agronomia* em que o mesmo radical latino [*inset-*] (<*insect-*>) e [*agr-*] é seguido da vogal de ligação <*i*> quando seguido de um elemento também de origem latina (*-cida*, *-cola*, *-cultura*, *-voro*) e de <*o*> quando o segundo elemento é de origem grega (*-filia*, *-logia*, *-nomia*).

Quando em uso estão um radical vernáculo e um radical greco-latino, esta tendência é geralmente mantida: em *kremlinólogo*, *laranjocracia*, *pimbocracia*, *poupançologia* ('estudo, ciência da

---

<sup>103</sup> Ainda que esta seja a tendência mais regular, outras terminações são possíveis: «la terminazione regolare degli elementi formativi di origine greca usati in posizione iniziale è -o, quella degli elementi di origine latina è -i, ma vi sono anche elementi formativi di origine greca con altre terminazioni (acu- 'uditivo', ali- 'mare, salino', [...]) e molti elementi di origine latina terminante in -o, tra cui balneo-, carbo-, digito-» (Iacobini 2004: 72).

poupança'), *velódromo*, a vogal de ligação é <o>, e o elemento da direita tem origem grega; em *ministrícida*, *petrolífero*, *tumorígeno* a vogal de ligação é <i>, em conformidade com a origem [+latina] do elemento da direita.

Porém, estas regularidades não são absolutas, como se verifica em *gasoduto*, *oleoduto*, pois embora *-duto* (<ducto) tenha origem latina, a vogal de ligação é <o>. De igual modo, *-fugo* tem origem latina e, a par com *febrífugo* e *fumífugo*, com vogal de ligação <i>, coexiste *hidrófugo*. O mesmo tipo de oscilação se verifica em compostos com *-gen-* e com *-cíd(io)*: em *oleígeno*, *regicídio* a vogal de ligação é <i>, em conformidade com a origem [+ latina] do elemento da direita; mas em *alucinógeno*, *criminógeno*, *genocídio* a vogal é <o>, e o constituinte da direita tem também origem latina. Há ainda casos de maior oscilação. Nos compostos com *-metro*, a vogal de ligação pode ser <i> (*aplaudímetro*, *calorímetro*, *taxímetro*), <o> (*cronómetro*, *odómetro*, *termómetro*) ou podem coexistir formas com vogal de ligação <i> e <o> (*amperímetro*, *amperómetro*, *parquímetro*, *parcómetro*).

Por fim, e tendo por base os dados do português do Brasil, alguns autores (cf. Gonçalves 2011b) sugerem que, no presente, há uma clara fixação de um padrão com a vogal <ó> (cf. *alcoólatra*, *musicólatra*, *kartódromo*, *sambódromo*, *cardiógrafo*, *oscilógrafo*, *sismógrafo*, *lexicólogo*, *pneumólogo*, *teatrólogo*), pelo que a VL, outrora mais variável e imprevisível (cf. *aplaudímetro*, *dactilógrafo*, *decâmetro*, *parágrafo*, *polígrafo*, *telégrafo*, *telémetro*, *optómetro*, *voltâmetro*, *voltímetro*), passa a ser, graças à sua maior regularidade e à sua gramaticalização acrescida, encarável como parte integrante dos formativos à direita.

No Brasil ainda se mantém a vogal <ô> antes de nasal, como se atesta em todos os nomes em X-metro (*optómetro*, *pugilómetro*, *sismómetro*), mas no Português europeu também neste contexto a vogal é <ó> (cf. *litómetro*, *optómetro*, *pugilómetro*, *sismómetro*).

### 8.2.1.2 Compostos aglutinados

Os produtos composicionais tradicionalmente conhecidos por compostos aglutinados (*aguardente*, *artimanha*, *corrimão*) caracterizam-se também pela inclusão de um (ou mais) elementos que neles se apresentam como destituídos de autonomia. Estes produtos composicionais resultam de alterações diacrónicas, nomeadamente de operações de fusão de elementos adjacentes (*água* + *ardente* > *aguardente*; *perna* + *alta* > *pernalta*) e/ou de reajuste de elementos do final da base esquerda (*plano* + *alto* > *planalto*; *vinho* + *agre* > *vinagre*) e/ou do início da base direita (*grande* + *eloquente* > *grandiloquente*).

Nas abordagens tradicionais (cf. Cunha & Cintra 1984), os compostos aglutinados opõem-se aos compostos justapostos, como *varapau*, *girassol* e *passatempo*, por estes serem marcados pela presença de dois elementos que não sofrem qualquer reajuste morfológico ou fonológico.

No entanto, as alterações formais em que assenta a delimitação dos compostos aglutinados não são exclusivas da composição, verificando-se também em contextos derivacionais. Assim acontece aquando

- (i) da substituição de *-vel* por *-bil* em contexto derivacional (*comutável*>*comutabilidade*, *responsável*>*responsabilidade*), ou
- (ii) da adaptação do prefixo *in-* ao contexto fonológico que se lhe segue, adotando a configuração [-nasal] antes de [+soante], como *inapto*, *ilegal*, *irrestrito*, e a configuração [+nasal] antes de [-soante], como em *imprevisto*, *inseguro*, *intolerante* (Rio-Torto 1998: 31-37).

Porque assenta em operações formais também ativas noutros processos genolexicais, a noção de aglutinação não se revela suficientemente coesa e operacional para permitir a distinção de um

subtipo de compostos. Assim, as formações tradicionalmente entendidas como compostos aglutinados integram-se no âmbito dos compostos morfológicos, pois baseiam-se na junção de bases que, neste contexto em particular, são destituídas de autonomia. Mais importante do que a dimensão formal que lhes é imputada nas caracterizações tradicionais, é o grau de lexicalização dos produtos tipicamente conhecidos como compostos aglutinados que importa ter em conta, pois raramente o seu significado se resume à combinatoria do significado das partes, conforme facilmente se percebe por exemplos como *aguardente* ou *vinagre*.

Muitos dos compostos tradicionalmente incluídos no âmbito dos compostos aglutinados correspondem a uma única palavra prosódica<sup>104</sup>, sendo portadores de um único acento lexical (*aguardente*, *pernalta*). Muitos dos compostos que incluem elementos formativos greco-latinos exibem também um único acento, funcionando, portanto, como uma única palavra prosódica: *agrícola*, *aquífero*, *fratricida*, *necrópole*, *tecnologia*. No entanto, existem compostos morfológicos que incluem um acento principal e um acento secundário: *dermoprotetor*, *gastro-intestinal*, *greco-latino*. Estes compostos morfológicos aproximam-se, a este nível, dos compostos morfossintáticos (*porta-estandarte*, *surdo-mudo*) e dos compostos sintagmáticos (*limpa-neves*, *zona industrial*), que serão abordados nas secções seguintes.

### 8.2.1.3 Compostos por ‘recomposição’: unidade truncada + palavra plena

Um esquema de formação de compostos, denominado de ‘recomposição’, consiste na construção de um composto a partir da

---

<sup>104</sup> Para Mateus, Frota e Vigário (2003: 1061), cada palavra prosódica, entendida como «o constituinte da hierarquia prosódica que se situa entre o pé e o sintagma fonológico [...] tem um e um único acento principal».

adjunção de (i) uma unidade truncada (à esquerda) resultante da redução/do truncamento de uma unidade lexical pré-existente a (ii) uma palavra plena (à direita). A ‘recomposição’ supõe, pois, uma reutilização de uma forma já existente, desta feita truncada, e eventualmente também alterada no seu sentido matricial. São exemplos de unidades truncadas que entram em produtos deste tipo :

- (19) *auto*, de automóvel, em *autobomba*, *autocaravana*, *autoescola*, *automotor*, *automotriz*
- (20) *ciclo*, de bicicleta, em *ciclomotor*, *ciclopista*, *ciclovía*
- (21) *eco*, de ecologia, ecológico, em *eco-atitude*, *eco-casa*, *eco-desporto*, *eco-produto*, *ecossistema*, *eco-taxa*, *eco-turismo*, *eco-turista*
- (22) *eletro*, de elétrico ou de eletrónico, em *eletro-choque*, *eletro-marcas* (PB), *eletroshopping*
- (23) *farma*, de farmácia em *farmanegócio*
- (24) *foto*, de fotografia, em *foto-montagem*, *foto-novela*
- (25) *info*, de informática, em *info-excluído*, *infogestão*, *infoliteracia*, *infonauta*
- (26) *juve*, de juventude, em *juvefans*
- (27) *moto*, de motor, motorizado, em *moto-bomba*, *motocicleta*, *moto-nave*, *moto-náutico*, *moto-propulsor*, *motosserra*, *moto-táxi*
- (28) *tele*, presente em *telefone*, *televisão*, em *telepublicidade*, *telenovela*
- (29) *tecno*, de tecnologia, em *tecnofobia*, *tecnoforma*, *tecnosjogos*, *tecnopsicologia*, *tecnotêxtil*

O sentido atual de alguns destes formantes não é mais o etimológico, mas o da palavra da língua portuguesa que lhes deu origem: *foto-* não denota nestes exemplos ‘luz’, ‘radiação magnética’, mas ‘fotografia’; *tele* não denota ‘à distância’ (cf. *teleatendimento*, *telecomércio*, *telecompra*), como o prefixo, mas ‘televisão’.



Estes produtos colocam interessantes problemas de tipologia da formação de compostos, pois se situam na fronteira entre os compostos morfológicos, nomeadamente os que envolvem um radical erudito, e os compostos que resultam da combinatória de um tema e de uma palavra. Atente-se no facto de a estrutura morfológica dos temas truncados ser fixa e invariável. Outro problema que suscitam prende-se com a natureza categorial das unidades truncadas que, em alguns casos, pode oscilar ente N e A (cf. *eco*), o que tem repercussões na classe categorial final do composto (NN ou AN).

Este mecanismo há muito vem sendo usado, mormente em denominações de marcas comerciais e na publicidade: *nutribem*, denominação de marca de produtos alimentares para bebés surgida nos anos 60, ilustra essa realidade.

### 8.2.2 Compostos morfossintáticos

Os compostos morfossintáticos, percecionados como estruturas que resultam da reanálise de uma estrutura sintática numa palavra<sup>105</sup>, envolvem a combinação de duas palavras ([*beija-mão*], [*surdo-mudo*], [*via láctea*]) e caracterizam-se por algum grau de atipicidade relativamente aos padrões sintagmáticos do português ativos nas estruturas sintagmáticas correspondentes. Os compostos morfossintáticos podem exibir diferentes padrões de constituição interna, como se visualiza nos exemplos seguintes:

(30) [NN]<sub>N</sub>: *bebé-proveta, cheque-saúde, couve-flor, outono-inverno*

(31) [AA]<sub>A</sub>: *claro-escuro, morto-vivo, nado-morto, surdo-mudo*

---

<sup>105</sup> Villalva (2003: 983) descreve *abre-latas, conta-gotas, porta-voz, lava-louça* como compostos morfossintáticos que foram objeto de reanálise de uma estrutura sintática materializada «numa projeção máxima do verbo (i.e. V<sup>max</sup>)».

(32) [VV]<sub>N</sub>: *pára-arranca, vaivém*

(33) [VN]<sub>N</sub>: *beija-mão, finca-pé, limpa-vidros*

As estruturas [NN]<sub>N</sub> não seguem os padrões sintáticos típicos, pois estes exigiriam, nestes contextos, a presença de uma conjunção ou de uma preposição entre os elementos em uso, o que se verifica pela agramaticalidade dos exemplos (34, 36).

(34) \**Este seguro viagem ajudou muito a família Lopes.*

(35) *Este seguro de viagem ajudou muito a família Lopes.*

(36) \**Este casaco usa-se no outono inverno.*

(37) *Este casaco usa-se no outono e no inverno.*

As estruturas [VV]<sub>N</sub> também não funcionam como sintagmas típicos, como se observa pela agramaticalidade do exemplo seguinte.

(38) \**Agora que tem carro, ele vaivém muito depressa.*

(39) *Agora que tem carro, ele vai e vem muito depressa.*

As estruturas [VN]<sub>N</sub> consideradas de seguida (cf. 40-45) afastam-se dos padrões sintáticos típicos, uma vez que o seu funcionamento como sintagma canónico exigiria, no PE, a presença de um determinante a preceder o nome. Por isso se enquadram no âmbito dos compostos morfossintáticos.

(40) \**O noivo beija mão da noiva.*

(41) *O noivo beija a mão da noiva.*

(42) \**Ela finca pé no passeio.*

(43) *Ela finca o pé no passeio.*

(44) \**Ele trava língua a tempo, evitando dizer uma asneira.*

(45) *Ele trava a língua a tempo, evitando dizer uma asneira.*

Esta situação em que, para funcionar como sintagma verbal, o nome integrante do composto não prescindiria, em PE, do seu determinante, verifica-se em compostos como *beija-mão*, *corta-mar*, *finca-pé*, *mata-bicho* ou *trava-língua*, caracterizados pela presença, à direita, de um nome singular, não massivo, que funciona como complemento da forma verbal usada à esquerda.

Assim não acontece com os compostos dos seguintes três tipos (46)-(48), pois os constituintes da direita não impõem a presença de um determinante; nas estruturas (46) e (47), a presença deste constituiria até uma violação gramatical:

(46) [VPron]<sub>N</sub>: *come-tudo*, *faz-tudo*, *sabe-tudo*

(47) [VV]<sub>V</sub>: *saber-estar*, *saber-fazer*, *saber-ser*

(48) [VN]<sub>N</sub>: *abre-latas*, *corta-relva*, *guarda-chuva*, *limpa-vidros*,  
*porta-aviões*, *saca-rolhas*.

Nos casos de (48) as construções são gramaticalmente aceitáveis contendo ou não um determinante: *abre* (as) *latas*, *guarda* (a) *chuva*, *limpa* (as) *neves*, *limpa* (os) *vidros*. Mas as estruturas do tipo de *abre-latas*, *guarda-roupa*, *lava-louça*, *passa-palavra*, *tira-nódoas*, não funcionam como sintagmas, mas como unidades multilexicais, como se observa nos exemplos seguintes.

(49) *Este produto limpa vidros e outras superfícies com grande eficiência, mas não é um limpa-vidros.*

(50) *Este faz tudo quanto lhe mandam, mas não é um faz-tudo.*

‘este indivíduo faz tudo aquilo que lhe mandam, mas não é um palhaço, um pau-mandado’;

(51) *Este faz tudo e umas botas* vs. *Este faz-tudo e umas botas*.

Estes dados revelam que há diferenças entre compostos e sintagmas homólogos, nomeadamente através da (im)possibilidade

de apagamento do núcleo em estruturas coordenadas (cf. 49 e 51), através da contradição semântica entre o sintagma e o composto (cf. 49-50), através da opacidade semântica associada a *faz-tudo*, mas não ao sintagma *faz tudo* (cf. 50-51), através da opacidade semântica de *guarda* (em *guarda-chuva*, *guarda-sol*) ou de *para* (em *para-quedas*, *para-raios*) e através da fixidez distribucional de *porta-*, apenas usado em compostos (*porta-aviões*, *porta-chaves*, *porta-voz*) e como base do derivado *portador*, e não como verbo autónomo (?*portar*?) em sintagmas livres. A grande produtividade destas formas (*guarda-*, *porta-*) faz delas estruturas já gramaticalizadas, às quais está associado um sentido cristalizado não literal (*guarda-* ‘resguarda de’, ao lado de ‘preservar, conter’; *porta-* ‘transporta, carrega, contém’).

Considera-se aqui que as duas classes de compostos [VN] são duas variantes de uma mesma construção, em que o lugar de determinante/artigo, que, nos sintagmas, é determinado pela natureza do nome, nos compostos do tipo de *beija-mão*, *finca-pé*, *guarda-joias*, *limpa-vidros* se encontra sempre vazio.

Apesar destas semelhanças superficiais que aproximam alguns compostos morfossintáticos das estruturas sintáticas prototípicas, os primeiros exibem uma configuração e uma significação fixas (cf. secção 8.1.1.), assentes na impossibilidade de inserção lexical no seu interior.

### 8.2.3 Compostos sintagmáticos

Nos compostos sintagmáticos <sup>106</sup> incluem-se aqueles cuja estrutura segue os padrões próprios das estruturas sintáticas do português. Os compostos sintagmáticos apresentam os seguintes padrões estruturais:

---

<sup>106</sup> Este tipo de unidades (cf. *ferro a vapor*, *jogo de azar*, *trem de cozinha*), como igualmente *cultura geral*, *ferro elétrico*, *natureza-morta*, *sal marinho* são, como a

- (52) [NprepN]<sub>N</sub>: *água-de-colônia, computador de bordo, ferro a vapor, processador de texto*
- (53) [NA]<sub>N</sub>: *mesa redonda, sangue frio, turismo rural, via verde*
- (54) [AN]<sub>N</sub>: *alto-relevo, grande área, puro-sangue*
- (55) [NprepV]<sub>N</sub>: *máquina de lavar, ferro de engomar, máquina de barbear, porta de correr*
- (56) [NumN]<sub>N</sub>: *mil-folhas, primeiro-ministro, segunda via, terceira idade*

Estes compostos exibem um padrão estrutural que se coaduna com o que é próprio das estruturas sintáticas correspondentes, como se verifica em (57-59). Nestas, as significações dos sintagmas (nos exemplos seguintes a sublinhado) não acusam as marcas de idiomaticidade que caracterizam alguns/grande parte dos compostos.

- (57) *A água de Colônia é completamente despoluída.* (‘água (proveniente) da cidade de Colônia..... não necessariamente um perfume denominado por ‘água-de-colônia’)
- (58) *Esta mesa redonda é muito vanguardista.* (‘uma mesa de forma redonda, não uma reunião denominada usualmente por ‘mesa-redonda’)
- (59) *É uma grande área mesmo: quanto custa?* (‘uma qualquer área de grandes dimensões, uma vasta área, não a área de onde se marcam penalties, junto às balizas, no futebol’)

---

sua forma o denota, ‘unidades multilexicais’ (cf. Nascimento 2013). Esta designação abrange unidades caracterizadas por graus diversos (escalarmente distribuídos) de invariância/coesão formal e de opacidade semântica e por um índice de combinatória mais e menos forte. No conjunto dos ‘compostos’ sintagmáticos incluímos aqui as unidades multilexicais dotadas de opacidade formal e semântica máximas, mas igualmente unidades semifixas do tipo de *energia elétrica, energia eólica, energia fotovoltaica, energia solar, jogo de mesa, jogo de vídeo, linba de água, linba de baliza, linba de fundo, linba de montagem, máquina de lavar, máquina de secar, máquina de barbear, pão de sementes, pão de mistura, pão de forma, sala de banho, sala de convívio, sala de estudo, sala de reuniões, sala de estar, sala de jantar.*

(60) *Esse veículo é uma máquina de ceifar vidas.* ('máquina de destruir vidas, não necessariamente máquina de matar pessoas ceifando-as')

(61) *O primeiro ministro a chegar foi apupado veementemente.*  
(‘o ministro que chegou primeiro, não o chefe de governo’)

### 8.3 Relações intracomposto

Não obstante exibirem traços próprios, os compostos revelam importantes pontos de contacto com o funcionamento dos sintagmas livres, o que permite que a análise da estrutura interna dos primeiros se ancore em duas dimensões habitualmente associadas aos segundos: as relações sintáticas (de coordenação, subordinação ou modificação) e as relações temáticas.

#### 8.3.1 Relações sintáticas intracomposto

As relações sintáticas que se concretizam entre os elementos de um composto - e que refletem as que ocorrem tanto ao nível interfrásico como ao nível intrassintagmático - permitem organizar os compostos do português em três grupos de estruturas: compostos coordenados (62), compostos subordinados (63) e compostos modificativos (64) <sup>107</sup>.

(62) *Trata-se de um famoso ator-encenador português.*

(63) *Já contactei o limpa-chaminés.*

(64) *Trouxeste o chapéu de chuva?*

---

<sup>107</sup> O modelo que propomos baseia-se na análise levada a cabo por Bisetto & Scalise (2005) e Scalise & Bisetto (2009), desenvolvida e aplicada ao português por Rio-Torto & Ribeiro (2009, 2012) e Ribeiro (2010).

As relações instituídas entre os elementos destes compostos são bastante diferentes. Em (62) existe uma relação de adição entre *ator* e *encenador*; em (63), entre a forma verbal *limpa* e o elemento nominal *chaminés* institui-se uma relação de complementação, assumindo-se o nome como argumento interno exigido pela forma verbal em causa; em (64) não se trata de uma relação argumental, mas de uma relação modificativa, em que o Sintagma Preposicional da direita (*de chuva*) permite especificar a significação do Nome da esquerda.

### 8.3.1.1 Compostos coordenados

Os compostos coordenados caracterizam-se pela presença obrigatória de dois elementos com a mesma categoria gramatical, entre os quais se estabelece uma relação de adição. Entre tais elementos compositivos existe uma evidente proximidade semântico-referencial, pertencendo ambos, com frequência, a campos semânticos em relação de ‘pareceça de família’.

Os compostos coordenados ocorrem predominantemente em sequências NN, designando (i) agentes (*autor-intérprete, nadador-salvador, rei-mago*), (ii) locais (*café-restaurant, padaria-pastelaria*), (iii) eventos (*almoço-convívio, jantar-comício*) e (iv) objetos (*garrafa-termo, saia-casaco, saia-calça*). As relações de coordenação também são frequentes em compostos adjetivais, ocorrendo em estruturas construídas com recurso a dois adjetivos (*morto-vivo, surdo-mudo*) e em estruturas que incluem radicais adjetivais (*anglo-germânico, austro-húngaro, ibero-americano*). São também de coordenação as relações que se instituem nos compostos nominais de estrutura [VV]<sub>N</sub>, como *corre-corre, para-arranca* ou *treme-treme*. Existem ainda construções em que a coordenação intracomposto se concretiza mediante o uso efetivo de uma conjunção copulativa, situação que ocorre quando em uso estão dois nomes (*bolacha de [água e sal]<sub>N</sub>*,

*aula de [corte e costura]<sub>N</sub>*) ou duas formas verbais (*um [entra e sai]<sub>N</sub>*, *um [sobe e desce]<sub>N</sub>*, *um [leva e traz]<sub>N</sub>*).

### 8.3.1.2 Compostos subordinados

Ao contrário da coordenação, caracterizada pela identidade de funções sintáticas e semânticas dos termos coordenados, a subordinação assenta numa relação de dependência ou de hierarquia (sintática e semântica) entre dois termos. No âmbito dos compostos, são várias as construções, como *abre-latas*, *marcapasso* (PB), *processador de texto* ou *planeamento familiar*, cuja organização interna reproduz aquela que é própria das estruturas subordinadas.

Os compostos subordinados seguem um padrão estrutural que inclui um elemento com capacidade de seleção argumental e outro que preenche o lugar vazio aberto pelo primeiro e podem apresentar três configurações:  $[VN]_N$  (*quebra-nozes*),  $[NprepN]_N$  (*acelerador de partículas*) e  $[NA]_N$  (*planeamento familiar*).

As relações de subordinação intracomposto ocorrem maioritariamente em estruturas  $[VN]_N$ . As unidades verbais deste tipo de compostos têm um comportamento semelhante ao dos predicadores quando em contexto frásico, exigindo um elemento que as complemente. Assim, em compostos como *abre-latas*, *limpa-vidros*, *tira-teimas*, *vira-casaca*, os nomes da direita preenchem os lugares vazios abertos pelos verbos e correspondem, normalmente, à realização do respetivo argumento interno (com função de complemento direto).

A relação que se institui entre os elementos de compostos de base greco-latina, como *antropófago*, *fratricida*, *insetívoro*, é também uma relação de subordinação: neste caso, o elemento da direita, com origem verbal, é complementado pelo elemento da esquerda, que se assume como seu objeto direto. Embora com uma configura-



ção que assenta numa ordem inversa à das estruturas [VN]<sub>N</sub>, todos estes compostos construídos com radicais greco-latinos de origem verbal (e.g., *-cid(a)* ‘que mata’, *-col(o/a)* ‘que cultiva’, *-fag(o/a)* ‘que come’, *-fer(o/a)* ‘que transporta, que conduz’, *-fob(o/a)* ‘que tem medo de/aversão a’, *-fug(o/a)* ‘que afugenta’, *-gen(o/a)* ‘que gera’, *-par(o/a)* ‘que produz’, *-vor(o/a)* ‘que come’) evidenciam a mesma relação intracomposto: neles se inclui um elemento de cariz verbal com capacidade de seleção argumental e um elemento nominal que funciona como realização do argumento interno exigido pela forma verbal em uso.

Ainda que com muito menor frequência, as relações de subordinação também se encontram em compostos de estrutura [NprepN]<sub>N</sub> e [NA]<sub>N</sub>. Para que ocorra uma relação subordinativa entre os elementos deste tipo de compostos é essencial que o elemento da esquerda seja um nome deverbal, mantendo a capacidade de seleção argumental do verbo de que deriva. Nas estruturas [NA]<sub>N</sub> (*recuperador térmico*), o adjetivo tem funcionamento argumental, preenchendo o lugar vazio aberto pelo nome deverbal e com ele estabelecendo uma relação de complementação. No caso das construções [NprepN]<sub>N</sub> (*processador de texto*, *recuperador de calor*) é o sintagma preposicional que funciona como complemento do nome deverbal da esquerda, instituindo-se como materialização do respetivo argumento interno.

A relação de complementação que se institui no âmbito destas estruturas [NA]<sub>N</sub> e [NprepN]<sub>N</sub> reflete com bastante proximidade a que se configura nas estruturas [VN]<sub>N</sub>, conforme se comprova através dos exemplos seguintes.

- (65) *Um abre-latas é um objeto que serve para abrir latas.*
- (66) *Um processador de texto é uma ferramenta que serve para processar textos.*
- (67) *Um recuperador de calor é um objeto que serve para recuperar calor.*

Ou seja, nos compostos subordinados, o elemento da direita, seja um nome, um adjetivo ou um sintagma preposicional, preenche o espaço proposicional reservado ao argumento interno das unidades verbais em causa, estejam estas expressas, como nos compostos [VN]<sub>N</sub>, ou latentes (porque incorporados no deverbal), como nos compostos [NA]<sub>N</sub> e [NprepN]<sub>N</sub>. Nas estruturas em que ocorrem elementos formativos greco-latinos de origem verbal, a organização interna, ainda que assente numa ordem inversa, segue o mesmo padrão.

### 8.3.1.3 Compostos modificativos

Incluem-se no conjunto dos compostos modificativos ou atributivos aqueles cujos elementos da direita se assumem essencialmente como modificadores do nome da esquerda, permitindo precisar ou clarificar o significado deste último através da atribuição de propriedades de natureza qualitativa (*política-espetáculo*) ou classificatória (*política fiscal*).

Integram-se no âmbito dos compostos modificativos estruturas [NN]<sub>N</sub> (*poupança habitação, viagem relâmpago*), [NA]<sub>N</sub> (*salada russa, turismo rural, vinho branco*) ou [NprepN]<sub>N</sub> (*estrada de ferro (PB), linha de montagem, turismo de habitação*), caracterizadas pela presença de um elemento modificado, o nome da esquerda, e de um elemento modificador, à direita. Esta relação de modificação pode, no entanto, organizar-se em sentido inverso, encontrando-se o elemento modificado à direita e o modificador à esquerda, como se verifica nos compostos de estrutura [AN]<sub>N</sub> (*belas artes, puro sangue*) e [NumN]<sub>N</sub> (*primeiro ministro, terceira idade*) ou nos compostos morfológicos que incluem pelo menos um elemento greco-latino, como *cardiologia, enoturismo, hidroginástica, sambódromo*.

Nestas construções, contrariamente ao que sucede nos compostos subordinados, o elemento modificador (independentemente da

sua natureza) não é proposicionalmente exigido pelo nome a que se agrega. Na realidade, nos compostos modificativos, o elemento modificador não mantém com o modificado qualquer relação de tipo argumental, pois não estamos em presença de uma sequência entre predicado e argumento(s).

Tal como acontece ao nível frásico, também no âmbito dos compostos é possível distinguir relações modificativas de restrição (*água doce*) e de atribuição (*batata doce*). Quando o elemento modificador delimita a referência do nome a que se associa, permitindo especificar ou restringir um tipo particular do mesmo, estamos perante uma situação de modificação restritiva ou classificatória, funcionando o modificador como fator de taxonomização ou subclassificação do nome a que se agrega. Este esquema compositivo encontra-se com grande regularidade no âmbito das estruturas [NprepN]<sub>N</sub>, [NprepV]<sub>N</sub> e [NA]<sub>N</sub>. É também comum em compostos morfológicos com elementos formativos de base nominal, como se verifica no Quadro seguinte.

Esquema compositivo	Exemplos
[NprepN] <sub>N</sub>	<i>linha de água, linha de baliza, linha de fundo, linha de montagem</i>
[NprepV] <sub>N</sub>	<i>máquina de lavar, máquina de secar, máquina de barbear</i>
[NA] <sub>N</sub>	<i>bandeira azul, bandeira branca, bandeira vermelha</i>
<b>elementos não autónomos de origem greco-latina</b>	<i>arqueologia, biologia, cardiologia, geologia, teologia</i>

Quadro VIII.6. Compostos modificativos.

São frequentes os casos de compostos modificativos restritivos construídos com base no mesmo elemento modificador, ao qual se agregam, à direita ou à esquerda consoante o padrão compositivo em causa, os modificadores que permitem designar subclasses específicas desse elemento modificado. Este tipo de regularidade é visível, por exemplo, em séries de compostos como *jogo de mesa*,

*jogo de vídeo, jogo de azar ou sala de banho, sala de convívio, sala de estudo, sala de reuniões, sala de estar, sala de jantar*, em que é o sintagma preposicional da direita que permite distinguir o tipo de jogo ou de sala em questão. O mesmo acontece com séries de compostos [NA]<sub>N</sub>, como *energia elétrica, energia eólica, energia solar, energia fotovoltaica*, em que é o elemento adjetival que permite diferenciar diferentes tipos do nome da esquerda, ou em compostos construídos com elementos greco-latinos, como *democracia, aristocracia, plutocracia, teocracia, tecnocracia*, em que é o elemento da esquerda que assegura a diferenciação de diversos tipos do que é designado pelo elemento nominal da direita.

No conjunto dos compostos modificativos restritivos incluem-se também sequências [NN]<sub>N</sub>, como as das séries *cheque-cirurgia, cheque-dentista, cheque-desconto, cheque-oferta, seguro-doença, seguro-saúde, seguro-automóvel*. Nestes produtos compositivos o nome da direita funciona como uma espécie de modificador que especifica ou particulariza a significação atribuída ao nome da esquerda, pressupondo, entre ambos os nominais, a inserção de uma preposição que concretize esse nexos modificativo (*cheque para cirurgia, cheque para dentista, cheque para/com desconto, cheque para/com oferta; seguro de doença, seguro de saúde, seguro de automóvel*).

No âmbito das estruturas [NN]<sub>N</sub>, para além deste tipo de relações de modificação restritiva, existem também relações de modificação qualificativa. Neste caso, e ao contrário do que sucede nos compostos modificativos restritivos, não estamos perante uma delimitação ou particularização do nome modificado, mas perante uma caracterização do mesmo, mediante a instauração de relações que implicam a identificação, pelo menos parcial, entre algumas das características dos termos em questão. Um *homem-aranha*, por exemplo, é um homem que evidencia algumas das características de uma aranha, nomeadamente a sua forma de se deslocar; uma *viagem-relâmpago* apresenta características típicas de um relâmpago,

como a velocidade ou a brevidade; um *político-fantoches* é aquele que, como os fantoches, se deixa manobrar ou influenciar <sup>108</sup>. Alguns compostos [NN]<sub>N</sub> de tipo modificativo qualificativo assentam numa leitura figurada, sendo construídos com base em processos de alteração do sentido, como a metáfora ou a metonímia. Trata-se de compostos construídos com base em aceções extensivas dos nomes em causa, como acontece, por exemplo, em *homem-âncora*, *desporto-rei*, *notícia-bomba* e *jogo-maratona*.

Também se incluem no âmbito dos compostos modificativos qualificativos as estruturas [NA]<sub>N</sub> como *arroz doce* ou *batata doce*, nas quais o adjetivo, apesar de permitir distinguir um tipo específico de N, é usado sobretudo para lhe atribuir propriedades. Efetivamente, o *arroz doce* e a *batata doce* são/acabam por ser adocicados/açucarados.

São ainda compostos modificativos atributivos os que resultam da junção de um advérbio e de um adjetivo de participial: *bem-criado*, *bem-educado*, *bem-nascido*, *mal-afortunado*, *mal-ajeitado*, *mal-amado*. Neste tipo de construções é a forma adjetival que é modificada através dos advérbios. Situação semelhante ocorre em sequências [AdvV]<sub>V</sub> como *bem-querer*, *malbaratar*, *maldizer*, *malgastar* em que o verbo é modificado pelo advérbio que ocorre à sua esquerda (cf. Rio-Torto 2014c).

Em síntese, são três os tipos de relações sintáticas estabelecidas no interior dos compostos: relações de coordenação, relações de subordinação e relações de modificação. As relações de coordenação encontram-se em compostos com os esquemas [NN]<sub>N</sub>, [AA]<sub>A</sub> e [VV]<sub>V</sub>. As relações de subordinação ocorrem em construções que incluem obrigatoriamente um elemento verbal, ou deverbal, como

---

<sup>108</sup> Para Baroni, Guevara & Pirrelli (2006) o nome da direita (em italiano *chiave*, *fantoccio*, *lampo*, *limite*, *modello*, *pilota*, *simbolo*, *record*, *lampo*) deste tipo de construções NN funciona como um predicado do nome da esquerda.

[VN]<sub>N</sub>, [NPrepN]<sub>N</sub>, [NA]<sub>N</sub>, ou estruturas com elementos formativos greco-latinos de origem verbal. Já as relações de modificação têm uma presença mais transversal, ocorrendo em compostos com padrões compositivos muito diferentes, nomeadamente [NN]<sub>N</sub>, [NA]<sub>N</sub>, [NprepN]<sub>N</sub>, [AdvA]<sub>A</sub>, [AdvV]<sub>V</sub>. O quadro seguinte ilustra a presença de diferentes relações sintáticas no interior dos compostos.

	Subordinação	Modificação	Coordenação
[VN] <sub>N</sub> [Rad <sub>N</sub> Rad <sub>V</sub> ] <sub>N</sub>	<i>abre-latas, corta-relva herbicida, ignífugo</i>	-	-
[NprepN] <sub>N</sub>	<i>processador de texto</i>	<i>caminho de ferro couve-de-bruxelas</i>	-
[NA] <sub>N</sub>	<i>planeamento familiar</i>	<i>arroz doce zona industrial</i>	-
[AN] <sub>N</sub>	-	<i>grande superfície pequena área</i>	-
[AdvA] <sub>A</sub>	-	<i>bem-humorado malcriado</i>	-
[Rad <sub>N</sub> Rad <sub>N</sub> ] <sub>N</sub>	-	<i>democracia, filologia</i>	-
[Rad <sub>A</sub> Rad <sub>N</sub> ] <sub>N</sub>	-	<i>arqueologia, caligrafia</i>	-
[NN] <sub>N</sub>	-	<i>casa-mãe peixe-espada</i>	<i>trabalhador-estudante saia-casaco</i>
[AA] <sub>A</sub>	-	-	<i>surdo-mudo económico-social</i>
[VV] <sub>V</sub>	-	-	<i>entra-e-sai, pára- arranca</i>

Quadro VIII.7. Relações sintáticas intracomposto.

### 8.3.2 Relações temáticas intracomposto

As relações temáticas que se estabelecem entre os elementos de um composto replicam, no âmbito léxico-semântico, as que se instituem ao nível frásico entre elementos com capacidade de seleção argumental e elementos que, respondendo a essa exigência, realizam esses argumentos. A noção de argumento aqui usada é de natureza semântica e radica na lógica de predicados, segundo a

qual um constituinte — o predicador —, para saturar o seu sentido, necessita de ser complementado por um conjunto de argumentos.

No caso dos compostos, esta exigência de seleção argumental é notória sobretudo quando um dos elementos compositivos é uma unidade (de)verbal, como em produtos de estrutura  $[VN]_N$ ,  $[Rad_N Rad_N]_N$ ,  $[NA]_N$  e  $[NprepN]_N$ . Nestas construções institui-se uma relação temática predicador-objeto/tema entre ambos os constituintes <sup>109</sup>.

Nos compostos que seguem o padrão estrutural  $[VN]_N$ , é frequente que o elemento nominal, à direita, funcione como argumento interno do verbo transitivo, situado à esquerda, como em *limpa-chaminés*, *abre-latas* ou *quebra-nozes*. No entanto, em alguns compostos  $[VN]_N$  o nome da direita, designando um animal, funciona como argumento externo do V. Esta situação, pouco frequente no PE, acontece em denominações de pássaros ou plantas, criadas e usadas essencialmente no mundo rural, como as de (68-70).

(68) *mija-burro* ‘variedade de narciso com flores de odor muito desagradável’

(69) *rincha-cavalo* ‘nome de pássaro também conhecido por peto-real’

(70) *urra-boi* ‘pássaro da família dos Turnicídeos’

Encontra-se também uma relação temática predicador-tema/objeto em compostos cujo elemento da direita é uma unidade greco-latina com capacidade argumental. Estes compostos são bastante frequentes, integrando unidades verbais com significação muito diversa. Alguns dos mais representativos elementos formativos deste tipo elencam-se no Quadro seguinte.

---

<sup>109</sup> Para além destas relações temáticas intracomposto é possível identificar outras funções temáticas, como as de agente, locativo, fim/objetivo, entre outras. A este propósito, veja-se a secção 8.6.1.

elemento formativo	significado	exemplos
<i>-cid(a)</i>	que mata	<i>germicida</i>
<i>-col(a)</i>	que cultiva	<i>agrícola</i>
<i>-ducto</i>	que conduz	<i>gasoducto</i>
<i>-fag(o,a)</i>	que come	<i>antropófago</i>
<i>-fer(o,a)</i>	que transporta	<i>aquífero</i>
<i>-fug(o,a)</i>	que repele	<i>febrífugo</i>
<i>-gen(o,a)</i>	que gera	<i>cancerígeno</i>
<i>-par(o,a)</i>	que produz	<i>ovíparo</i>
<i>-vor(o,a)</i>	que devora	<i>insectívoro</i>

Quadro VIII.8. Elementos formativos greco-latinos com capacidade argumental.

Nestas estruturas, a ordem é inversa à das construções [VN], pois o elemento com capacidade argumental ocorre à direita, encontrando-se à esquerda o elemento, de origem nominal, que assegura a realização do respetivo argumento interno e que funciona habitualmente como tema/objeto.

Esta relação predador-argumento interno tema/objeto está também presente, até agora com muito menor frequência, em estruturas [NprepN]<sub>N</sub> e [NA]<sub>N</sub>. Para que esta relação esteja ativa nestes padrões de composição, é necessário que o nome da esquerda seja um de verbal, guardando, portanto, a capacidade de seleção argumental do verbo de base. O sintagma preposicional (em [NprepN]<sub>N</sub>) ou o adjetivo denominal (em [NA]<sub>N</sub>) realizam o argumento interno selecionado pelo de verbal da esquerda, conforme se constata a partir da análise dos exemplos seguintes.

#### [NA]<sub>N</sub>

- (71) *planeamento urbano* ‘processo de planificar a urbe’
- (72) *reestruturação curricular* ‘processo de reestruturar os *curricula*’
- (73) *controlador aéreo* ‘aquele que tem por função controlar o espaço aéreo por onde circulam aeronaves’
- (74) *guarda florestal* ‘aquele que guarda a floresta’



### [NprepN]<sub>N</sub>

- (75) *recuperador de calor* ‘aparelho que recupera o calor’
- (76) *acelerador de partículas* ‘aparelho que acelera partículas’
- (77) *prestador de serviços* ‘denominação técnica de todo aquele que presta serviços’

## 8.4 Núcleo, endocentrismo e exocentrismo

O núcleo de um composto é o elemento (radical ou palavra) que determina as propriedades semânticas, categoriais e morfológicas do produto e, conseqüentemente, tem uma importância determinante tanto no que concerne à interpretação que se lhe associa quanto no que se refere às operações de flexão a que está sujeito. Em consonância com Scalise, Fábregas & Forza (2009), consideramos que a identificação do núcleo de um composto se faz tendo em conta três dimensões: a dimensão categorial, a dimensão morfológica e a dimensão semântica.

Categorialmente, o núcleo do composto corresponde ao elemento compositivo que transmite ao produto a sua categoria gramatical. Assim, em estruturas [NA]<sub>N</sub> como *acumulador térmico*, *energia eólica* ou *sangue azul*, o núcleo será o elemento da esquerda, um nome, uma vez que é esta unidade que transmite ao produto a respetiva categoria gramatical.

Assume-se como núcleo morfológico o elemento compositivo que transmite ao produto os seus traços morfológicos, nomeadamente os de género e número. Em *jardim-escola*, *pés de galinha* e *visita-relâmpago* é o elemento da esquerda, um nome, que se assume como núcleo morfológico, visto que os traços de género e número do produto coincidem com os deste constituinte, conforme se constata a partir da análise de (78-80). Nestes exemplos, verifica-se, ainda, a coincidência entre núcleo categorial e núcleo morfológico:

quando assim é, é o elemento nuclear que determina a categoria lexical e os traços de género e número do produto.

(78) [*jardim*<sub>N[masc|sing]</sub> *escola*<sub>N[fem|sing]</sub>]<sub>N[masc|sing]</sub>

(79) [*pés*<sub>N[masc|pl]</sub> *de galinha*<sub>N[fem|sing]</sub>]<sub>N[masc|pl]</sub>

(80) [*visita*<sub>N[fem|sing]</sub> *relâmpago*<sub>N[masc|sing]</sub>]<sub>N[fem|sing]</sub>

Em termos semânticos, o núcleo funciona como hiperónimo do produto. Assim, em *sala de aula*, *sala de convívio* e *sala de reuniões*, o núcleo semântico é sempre o nome *sala*, pois denomina o hiperónimo de cada um dos produtos em análise: *sala de aula*, *sala de convívio* e *sala de reuniões* são três tipos de *sala*. Mas há compostos que não exibem um elemento que se possa identificar como núcleo semântico: esta situação verifica-se, por exemplo, nas estruturas [VN]<sub>N</sub>, como *abre-latas*, *lambe-botas*, *tira-teimas*, em que nenhum dos constituintes funciona como hiperónimo do produto, não sendo também possível inferir as propriedades semânticas do produto em função das dos respetivos constituintes.

Um estudo completo do núcleo dos compostos assenta obrigatoriamente na análise destas três dimensões e permite verificar a existência de vários padrões compositivos:

a) compostos em que núcleo categorial, morfológico e semântico coincidem - *cadeira de baloiço*, *escola-modelo*;

b) compostos em que apenas coincidem núcleo categorial e morfológico - *pés de galinha*, *puro sangue*;

c) compostos em que não é possível a identificação de núcleo, nem semântico, nem categorial, nem morfológico - *para-arranca*, *fala-barato* <sup>110</sup>.

---

<sup>110</sup> Scalise, Fábregas & Forza (2009: 56) consideram estas construções como de Exocentrismo Categorial Absoluto ('Absolute Categorial Exocentricity').

Tendo em conta a (in)existência de núcleo, distinguem-se compostos endocêntricos de compostos exocêntricos. Os primeiros, tal como o nome indica, caracterizam-se pela existência de núcleo, podendo exibir um (*escola-piloto*) ou mais elementos nucleares (*padaria-pastelaria*). Nos segundos incluem-se os produtos compostivos que não incluem qualquer elemento que reúna as condições necessárias para se assumir como núcleo.

#### 8.4.1 Endocentrismo e exocentrismo: dimensões categorial, morfológica e semântica

Uma vez que a identificação do núcleo de um composto assenta em múltiplos critérios, a delimitação das estruturas endocêntricas e exocêntricas decorre também necessariamente da convocação de diferentes dimensões de análise. No quadro seguinte apresentam-se compostos que, em função da dimensão em apreço, exibem diferentes valores de endo-/exocentrismo.

	Endocentrismo morfológico e categorial	Exocentrismo morfológico e/ou categorial
<b>Endocentrismo semântico</b>	[NA] <sub>N</sub> <i>guerra civil</i> [AN] <sub>N</sub> <i>pequena área</i> [NN] <sub>N</sub> <i>escola modelo</i> [NprepN] <sub>N</sub> <i>chapéu de chuva</i>	
<b>Exocentrismo semântico</b>	[NA] <sub>N</sub> <i>sangue frio</i> [AN] <sub>N</sub> <i>puro sangue</i> [NN] <sub>N</sub> <i>cara metade</i> [NprepN] <sub>N</sub> <i>pé de meia</i>	[NA] <sub>N</sub> (um) <i>cabeça rapada</i> [AN] <sub>N</sub> (um) <i>boa onda</i> [NprepN] <sub>N</sub> (um) <i>unbas de fome</i> [VN] <sub>N</sub> <i>vira-casacas</i> [VAdv] <sub>N</sub> <i>fala barato</i>

Quadro VIII.9. Exocentrismo e endocentrismo: dimensões categorial, morfológica e semântica.

Um composto é totalmente endocêntrico quando um dos seus elementos formativos se assume simultaneamente como núcleo

categorial, morfológico e semântico, como nos exemplos *chapéu de chuva*, *escola modelo*, *guerra civil* e *pequena área*. Tipicamente, os compostos endocêntricos do português exibem o núcleo à esquerda (a negrito), conforme se verifica nos exemplos seguintes.

Esquemas compositivos	Exemplos
[NN] <sub>N</sub>	<i>peixe-aranha</i>
[NA] <sub>N</sub>	<i>arma branca</i>
[Nprep] <sub>N</sub>	<i>carro de praça/de corrida</i>

Quadro VIII.10. Compostos com núcleo à esquerda.

Há também (cf. Quadro seguinte) compostos do português com núcleo à direita, nomeadamente quando o seu padrão compositivo é [AN]<sub>N</sub> ou quando se trata de compostos cuja estrutura interna inclui formativos greco-latinos que reproduzem a organização típica destes nessas línguas.

Esquemas compositivos	Exemplos
[AN] <sub>N</sub>	<i>curta metragem</i>
[Rad <sub>N/A</sub> Rad <sub>N</sub> ] <sub>N</sub>	<i>teologia, arqueologia</i>

Quadro VIII.11. Compostos com núcleo à direita.

No âmbito dos compostos endocêntricos, enquadram-se ainda compostos que incluem dois núcleos, nomeadamente os que seguem os padrões [NN]<sub>N</sub> e [AA]<sub>A</sub>, como os do Quadro seguinte.

Esquemas compositivos	Exemplos
[NN] <sub>N</sub>	<i>trabalhador-estudante</i>
[AA] <sub>A</sub>	<i>surdo-mudo</i>

Quadro VIII.12. Compostos binucleares.

Considerando o endo-/exocentrismo a partir das três dimensões de análise anteriormente referidas, é frequente encontrar compostos que, embora não se possam enquadrar no âmbito das estruturas

totalmente endocêntricas, pois não exibem um elemento que se assuma simultaneamente como núcleo categorial, morfológico e semântico, revelam níveis de endocentrismo intermédios.

Esta situação verifica-se, por exemplo, nas construções semanticamente exocêntricas, mas categorial e morfológicamente endocêntricas. Estes compostos apresentam um núcleo categorial e morfológico (*bicos*, *jardim*, *pés*), mas nenhum dos seus constituintes se afigura como núcleo semântico, pois nenhum deles denomina um hiperónimo do produto.

(81)[*bicos*<sub>N[masc|pl]</sub> *de papagaio*<sub>N[masc|sing]</sub>]<sub>N[masc|pl]</sub>

(82)[*jardim*<sub>N[masc|sing]</sub> *de infância*<sub>N[fem|sing]</sub>]<sub>N[masc|sing]</sub>

(83)[*pés*<sub>N[masc|pl]</sub> *de galinha*<sub>N[fem|sing]</sub>]<sub>N[masc|pl]</sub>

Numa análise do endo-/exocentrismo ancorada num único critério, nomeadamente no critério semântico, como nas análises mais tradicionais, estes exemplos seriam integrados no conjunto dos compostos exocêntricos. Uma análise mais fina revela, contudo, uma realidade mais complexa, e presente em muitos compostos do português, como se observa em *água-pé* (denominação de bebida alcoólica, com baixo teor de álcool, resultante da adição de água ao bagaço (ou pé) de uva), *brincos-de-princesa* (denominação de flor) ou *jardim-escola* (denominação de infantário).

O exocentrismo é mais acentuado em compostos que, para além de não exibirem um núcleo semântico, também não exibem um núcleo morfológico, na medida em que os traços de género/número do produto não refletem os do elemento que ocorre em posição tipicamente nuclear. Os esquemas seguintes exemplificam esta situação.

(84)[*caixa*<sub>N[fem|sing]</sub> *de óculos*<sub>N[masc|pl]</sub>]<sub>N[masc/fem|sing]</sub>

(85)[*pele*<sub>N[fem|sing]</sub> *vermelha*<sub>N[fem|sing]</sub>]<sub>N[masc|sing]</sub>

(86)[*unhas*<sub>N[fem|pl]</sub> *de fome*<sub>N[fem|sing]</sub>]<sub>N[masc|sing]</sub>

O nível mais acentuado de exocentrismo ocorre quando nenhum dos elementos compositivos se assume como núcleo morfológico, categorial ou semântico, como em *bota-abaixo*, *faz-tudo*, *tira-teimas*, *treme-treme*. Esta situação verifica-se nos compostos de estrutura [VN]<sub>N</sub>, [VV]<sub>N</sub>, [VPron]<sub>N</sub> e [VAdv]<sub>N</sub>.

Esta análise do núcleo dos compostos baseada em três dimensões torna clara a existência de diferentes graus de endo-/exocentrismo, esquematizados no Quadro seguinte.

Continuum de endo-/exocentrismo	Exemplos
[+ núcleo categorial] [+ núcleo morfológico] [+ núcleo semântico]	<i>chapéu de chuva, escola-modelo</i>
[+ núcleo categorial] [+ núcleo morfológico] [- núcleo semântico]	<i>bicos de papagaio, pés de galinha</i>
[+ núcleo categorial] [- núcleo morfológico] [- núcleo semântico]	(um) <i>unhas de fome</i> , (um) <i>caixa de óculos</i> <sup>111</sup> , (um) <i>pele vermelha</i>
[- núcleo categorial] [- núcleo morfológico] [- núcleo semântico]	<i>bota-abaixo, corre-corre, sabe-tudo</i>

Quadro VIII.13. *Continuum* de endo-/exocentrismo.

As propriedades flexionais de um composto são, em grande medida, condicionadas pela localização e pelas características do respetivo núcleo. No entanto, para a definição dos padrões de flexão dos compostos do português é necessário que se convoquem outros critérios.

## 8.5 Padrões flexionais

As regularidades associadas à flexão dos compostos do português decorrem não apenas da posição e das características do núcleo, mas também da sua organização interna e do tipo de relações que

<sup>111</sup> Denominação não apreciativa de pessoa que usa óculos (PE).

se estabelecem entre os seus elementos compositivos (Rio-Torto & Ribeiro 2012: 138).

Os compostos do português organizam-se em quatro grupos, apresentando marcas flexionais no elemento compositivo da direita e/ou da esquerda ou exibindo marcação flexional externa. A pluralização manifesta-se pela adjunção da marca de plural a um dos elementos formativos, aos dois, ou ao determinante que precede o produto compositivo. Abaixo explicitam-se os quatro padrões de flexão operantes no âmbito da composição em português.

### 8.5.1 Marcação flexional em ambos os elementos compositivos:

$[X_{pl} Y_{pl}]$

Este padrão flexional reflete a necessária concordância em número entre nome e adjetivo (82-83) ou entre numeral e nome (84) ou é resultado da existência de um núcleo nominal ou adjetival bicéfalo (85-86).

(82)  $[NA]_N$ : *escola(s) primária(s), obra(s) prima(s), parede(s)-meia(s)*

(83)  $[AN]_N$ : *grande(s) área(s), grande(s) superfície(s)*

(84)  $[NumN]_N$ : *primeira(s) dama(s), primeiro(s) ministro(s)*

(85)  $[AA]_A$ : *morto(s)-vivo(s), surdo(s)-mudo(s)*

(86)  $[NN]_N$  coordenados: *padaria(s)-pastelaria(s), trabalhador(es)-estudante(s)*

### 8.5.2 Marcação flexional no núcleo, o elemento da esquerda: $[X_{pl} Y]$

Este padrão flexional verifica-se em compostos de estrutura  $[NprepN]_N$ ,  $[NprepV]_N$  e nos compostos modificativos  $[NN]_N$ .

- (87) [NprepN]<sub>N</sub>: *caminho(s) de ferro, chapéu(s) de chuva*  
 (88) [NprepV]<sub>N</sub>: *ferro(s) de engomar, máquina(s) de lavar*  
 (89) [NN]<sub>N</sub>: *decreto(s)-lei, escola(s)-modelo, palavra(s)-chave*

Presentemente, quer no Brasil, quer em Portugal, regista-se alguma variação na marcação de plurais de compostos modificativos [NN]<sub>N</sub>, como em *palavras-chave* e *palavras-chaves*, *empresas-fantasma* e *empresas-fantasma*s, *empresas-líder* e *empresas-líderes* (cf. Rio-Torto 2013).

### 8.5.3 Marcação flexional na fronteira direita e com escopo sobre todo o composto:[X Y]<sub>pl</sub>

Este esquema de pluralização ocorre em compostos que correspondem apenas a uma palavra fonológica, como nos compostos aglutinados (*aguardentes, artimanhas, fidalgos*) e naqueles em que operam elementos formativos greco-latinos (*cardiogramas, democracias, leucócitos*). Este é também o padrão de flexão próprio das construções que incluem uma forma presa (vernácula ou neoclássica) e uma forma livre, como (*ciências*) *físico-química(s)*, *luso-americano(s)*, *maniaco-depressivo(s)*. Neste caso, é a natureza presa do primeiro elemento de composição que explica o facto de a pluralização ocorrer apenas na fronteira direita do composto.

### 8.5.4 Marca flexional no determinante que precede o composto: Det<sub>pl</sub> [X Y]

Este esquema flexional é próprio de muitos compostos exocêntricos em cuja estrutura se inclui um V, como em (90-93). A flexão, apesar de presente apenas no determinante, tem escopo sobre todo o composto.



(90) [VN]<sub>N</sub>: *o(s) beija-mão, o(s) lava-louça*

(91) [VPron]<sub>N</sub>: *o(s) sabe-tudo*

(92) [VAdv]<sub>N</sub>: *o(s) bota-abaixo*

(93) [V(conj)V]<sub>N</sub>: *o(s) sobe-e-desce*

## 8.6 Propriedades semânticas

As questões de índole semântica são particularmente relevantes para o estudo dos compostos, dado que em cada uma destas unidades se integram, de modos muito diversos, os traços dos respetivos elementos compositivos.

Em português, como em muitas outras línguas, é vastíssimo o espectro semântico preenchido pelos compostos. Para tal contribui o facto de (i) cada composto integrar a semântica de pelo menos duas unidades lexemáticas, (ii) serem várias as combinatórias possíveis de estruturas de composição, (iii) para o produto se projetarem as dimensões categoriais e semânticas das unidades (e das respetivas classes) envolvidas, e (iv) o sentido do todo poder enriquecer-se substancialmente em função de variáveis muito diversas.

Neste âmbito, em 8.6.1. faz-se a descrição das propriedades semânticas dos compostos, nomeadamente no que concerne às classes semânticas por que se distribuem e às relações semânticas que se instituem no seu interior. De seguida dilucidam-se as questões relativas à composicionalidade e idiomaticidade dos compostos (secção 8.6.2.).

### 8.6.1 Classes e relações semânticas

Os compostos do português são maioritariamente denominações associadas a seres ou objetos. Com efeito, ao contrário da derivação, que frequentemente conduz ao surgimento de nominais abstratos

(*concentração, rivalidade, socialismo*), a composição é marcadamente um processo genolexical ao serviço da formação de designações de valor [+concreto], muitas delas denominando objetos, seres, atividades/eventos e tipos humanos associados ou ao mundo rural e ao quotidiano do falante comum (cf. Quadro VIII.14), ou realidades do mundo dos saberes altamente especializados (cf. Quadros 15 e 16). A distribuição por padrões compositivos das diversas classes de compostos permite constatar que as denominações que envolvem constituintes neoclássicos estão muito mais presentes nos léxicos de saberes altamente especializados. Com exceção do padrão [VN]<sub>N</sub>, os demais padrões são comuns a todos os tipos de áreas lexicais e semânticas.

	[NN] <sub>N</sub>	[VN] <sub>N</sub>	[NprepN] <sub>N</sub>	[NA] <sub>N</sub>
<b>Fauna e flora</b>	<i>cardo-ananás</i> <i>erva-prata</i> <i>pau-ferro</i>	<i>beija-flor</i> <i>espanta-lobos</i> <i>fura-balças</i>	<i>brincos-de-princesa</i> <i>galinha-do-mato</i> <i>grão-de-bico</i>	<i>cavalo-marinho</i> <i>erva-doce</i> <i>pato-bravo</i>
<b>Denominações humanas<sup>112</sup></b>	<i>bebê-proveta</i> <i>homem-rã</i> <i>menino-prodígio</i>	<i>lambe-botas</i> <i>salva-vidas</i> <i>vira-casaca</i>	<i>bicho do mato</i> <i>cabeça de casal</i> <i>pé de chumbo</i>	<i>bode expiatório</i> <i>cabeça rapada</i> <i>pau mandado</i>
<b>Objetos e instrumentos</b>	<i>faca-marcador</i> <i>garrafa-termo</i> <i>saco-cama</i>	<i>pisa-papéis</i> <i>porta-treco</i> <i>saca-rolbas</i>	<i>boca de incêndio</i> <i>caixa de velocidades</i> <i>chapéu de chuva</i>	<i>arma branca</i> <i>chave inglesa</i> <i>varinha mágica</i>
<b>Eventos <sup>113</sup></b>	<i>almoço-convívio</i> <i>jantar-comício</i>	<i>bate-boca</i> <i>corta-mato</i> <i>mata-bicho</i>	<i>copo de água</i> <i>golpe de estado</i> <i>porto de honra</i>	<i>batalha naval</i> <i>guerra santa</i> <i>mesa redonda</i>

Quadro VIII.14. Classes semânticas dos produtos compositivos.

Apesar de os compostos serem muito mais comuns enquanto denominações de realidades do quotidiano, ocorrem também com relativa frequência no âmbito de terminologias mais específicas,

<sup>112</sup> Também se incluem neste âmbito denominações de estrutura [VPron]N, como *faz-tudo, sabe-tudo, come-tudo*.

<sup>113</sup> Neste conjunto se incluem os compostos coordenativos *corre-corre* e *entra-e-sai*.

conforme se verifica pelos exemplos que associamos às ciências (naturais e sociais) e à tecnologia.

	[NN] <sub>N</sub>	[NprepN] <sub>N</sub>	[NA] <sub>N</sub>
<b>Ciências e técnica</b>	<i>ampere-bora</i> <i>cavalo-vapor</i> <i>molécula-grama</i>	<i>acelerador de partículas</i> <i>efeito de estufa</i> <i>processador de texto</i>	<i>campo magnético</i> <i>energia atômica</i> <i>tecido adiposo</i>
<b>Ciências sociais e humanas</b>	<i>data-valor</i> <i>decreto-lei</i> <i>quota-parte</i>	<i>abono de família</i> <i>nota de crédito/débito</i>	<i>ativo tóxico</i> <i>mercado negro</i> <i>recibo verde</i>

Quadro VIII.15. Áreas semânticas dos produtos compositivos.

Os padrões estruturais que mais se prestam à formação de denominações compostas morfossintáticas e sintagmáticas associadas à ciência/tecnologia são [NprepN]<sub>N</sub> e [NA]<sub>N</sub>, assumindo-se muitas delas como termos de ampla circulação internacional: *acelerador de partículas*, *bolsa de valores*, *bomba hidráulica*, *cadeia de abastecimento*, *efeito de estufa*, *folha de cálculo*, *processador de texto*, *taxa de câmbio*, *tecido fibroso*. Ao contrário do que parece acontecer noutras línguas, inclusivamente em línguas românicas<sup>114</sup>, em português não é ainda muito comum a substituição destas estruturas [NprepN]<sub>N</sub> pelas construções [NN]<sub>N</sub> correspondentes, com a perda da preposição. Apesar de não muito frequentes, ocorrem estruturas deste tipo precisamente em denominações que, embora originalmente próprias do léxico de uma língua de especialidade, passam, paulatinamente, ao léxico comum, como *crédito-habitação*, *decreto-lei*, *efeito-estufa*, *poupança-habitação*, *seguro-saúde*.

A presença de compostos em léxicos da ciência e da técnica é particularmente evidente nos compostos morfológicos que incluem elementos formativos neoclássicos (cf. quadro seguinte).

<sup>114</sup> Terreni (2005) assinala a crescente tendência do italiano para substituir estruturas [NprepN]<sub>N</sub> do tipo *sala della stampa* por estruturas [NN]<sub>N</sub> correspondentes, assentes na perda da preposição - *sala stampa*.

Ciências naturais, médicas e tecnologia	<i>adenoblasto, amniocentese, audiometria, cintigrafia, endoscopia, enterectomia, fitologia, fotólise, fungicida, hematoblasto, hemodiálise, hidrômetro, litografia, meteorologia, nefralgia, parafilia, pluviômetro, rinoscopia, rinoplastia, sialadenite, sismografia, vulcanologia</i>
Ciências sociais e humanas	<i>arqueologia, caligrafia, democracia, filantropia, filologia, genocídio, heteronímia, ortografia, pedagogia, oligocracia, plutocracia</i>

Quadro VIII.16. Denominações compositivas de base greco-latina presentes em léxicos de especialidade.

São ainda de realçar, pela sua particularidade denominativa assente em operações figurais, os compostos associados a áreas de atividade muito específicas, como a culinária ou o desporto. Alguns exemplos de compostos destas áreas (PE e PB) são apresentados abaixo:

<b>Culinária</b>	<i>barriga de freira, pé de moleque, roupa-velha, toucinho do céu</i>
<b>Desporto</b>	<i>drible da vaca (PB), lanterna-vermelha, linba de água, tiro penal (PB)</i>

Quadro VIII.17. Alguns compostos associados à culinária e ao desporto.

Independentemente da classe semântica em que o composto se integre, o seu semantismo global ancora-se na ativação de relações semânticas entre os respetivos elementos formativos, sendo de realçar, entre outras, as relações de forma/similitude, matéria/constituição, fim/objetivo, entre outras. É de referir, ainda, a relevância da relação predicador-tema/objeto, presente na maior parte dos compostos [VN]<sub>N</sub> (*corta-relva, limpa-neves, tira-nódoas*) e em muitos compostos que incluem elementos formativos greco-latinos (*herbívoros, ovíparo*).

<b>Estruturas</b>	<b>[NprepN]<sub>N</sub></b>	<b>[NN]<sub>N</sub>   [NA]<sub>N</sub></b>
<b>Relações semânticas</b>		
<b>forma/similitude</b>	<i>apetite de passarinho, chave de cruz, curva em S, escada em caracol, lágrimas de crocodilo</i>	<i>arroz-agulha, peixe-espada, tubarão-martelo</i>
<b>constituição/matéria</b>	<i>cadeira de rodas, fio de cobre, pão de leite, pó de arroz</i>	<i>água-mel, água mineral</i>

<b>fim/objetivo</b>	<i>área de serviço, barriga de aluguer, pasta de dentes, tubo de ensaio</i>	<i>comboio-correio, jardim infantil, livro-caixa</i>
<b>agente/origem</b>	<i>carro de bois, leite de vaca, teia de aranha</i>	<i>bebê-proveta, leite materno</i>
<b>predicação</b>	<i>cabeça no ar, cara de pau, golpe de mestre, homem de palavra</i>	<i>condomínio fechado, desporto radical, desporto-rei, pau mandado, visita-relâmpago</i>
<b>locativo</b>	<i>carro de praça, estrela-do-mar, relógio de parede</i>	<i>banda gástrica, missa campal</i>

Quadro VIII.18. Relações semânticas intracomposto.

A identificação do tipo de relação semântica instituída entre os elementos de um composto é tanto mais fácil e imediata quanto menos opaca for a sua significação global. Efetivamente, nos compostos cujo semantismo global se afasta do expectável da soma do significado dos respetivos constituintes (*arranca-rabo, gato-sapato, manga de alpaca, marca branca, puxa-saco*), é extremamente difícil a identificação das relações semânticas instituídas entre os constituintes.

A maior ou menor opacidade semântica dos produtos é uma propriedade recorrentemente analisada no âmbito da composição, sendo possível propor uma organização dos compostos baseada no grau de composicionalidade ou idiomaticidade semântica que evidenciam (cf. 8.6.2).

### 8.6.2 Composicionalidade e idiomaticidade semânticas

As unidades do léxico podem exibir um significado composicional, resultante da soma do significado das partes que o constituem (*trabalhador* ‘que trabalha’, *pós-venda* ‘posterior à venda’, *infeliz* ‘não feliz’, *abre-latas* ‘que abre latas’, *energia solar* ‘energia do sol’), ou um significado não composicional, quando a leitura do produto se afasta daquela que seria expectável da soma dos significados de

cada um dos seus elementos constitutivos (*marca branca, mercado negro*). Neste caso, diz-se que as unidades lexicais se caracterizam pela opacidade ou idiomaticidade semântica.

As situações de opacidade semântica estão associadas a processos figurais ou a casos de especialização ou de extensão do sentido das unidades lexicais operantes, permitindo que as suas significações iniciais sejam paulatinamente substituídas pelos sentidos idiomáticos e conduzindo a situações de lexicalização. Na realidade, os casos de opacidade ou de idiomaticidade semântica estão presentes em unidades lexicais de diferentes tipos, não sendo exclusivos dos compostos. Exemplos da atuação deste tipo de operações no âmbito da derivação são *amante* e *amador*. Nenhuma destas denominações é usada para designar ‘aquele que ama’, excepto no caso do primeiro, quando ocorrente como predicador de um argumento, como em *amante de livros antigos*. Em ambos os casos, há um claro processo de especialização de significado: *amante* é ‘aquele que mantém relações amorosas com alguém casado’, e *amador* é ‘alguém que exerce qualquer arte, desporto ou ofício, não por profissão, mas por gosto’. Posto isto, não consideramos que a lexicalização seja, por si só, argumento suficiente para a inclusão ou exclusão de determinada estrutura lexical no âmbito dos compostos <sup>115</sup>.

Na realidade, a significação figurada, convencionalizada e cristalizada, que se associa a muitos produtos de composição tem a sua génese na atuação de processos metafóricos e metonímicos, fonte de produção de novas significações.

Os processos de metaforização, assentando numa relação de similaridade e implicando o estabelecimento de similitudes entre domínios, estão ativos em estruturas como *copo-de-leite* ‘variedade

---

<sup>115</sup> Dado que a lexicalização é uma propriedade não exclusiva dos compostos, optamos por não seguir algumas perspetivas de estudo (e.g. Villalva 2003) que a assumem como critério para identificação dos produtos de composição.

de flor que, pela forma e cor, lembra um copo de leite’, *copinho-de-leite* ‘pessoa sonsa, ou de tez branca’, *bicho do mato* ‘indivíduo não sociável’ ou *flor de estufa* ‘pessoa frágil’. Já as operações de metonimização, ancorando-se numa relação de contiguidade de domínios conceptuais, do tipo parte/todo, todo/parte, agente/instrumento, propriedade/proprietário, estão ativas em estruturas como *pé descalço* ‘pessoa pobre’, *capacetes azuis* ‘militares que usam capacetes azuis’. No Quadro abaixo incluem-se alguns exemplos de compostos cuja significação global se ancora em processos metafóricos e/ou metonímicos (cf. Rio-Torto & Ribeiro 2010).

Metáfora	Metonímia
<i>bicho do mato</i>	<i>pés de galinha</i>
<i>bico de obra</i>	<i>boinas verdes</i>
<i>balde de gelo</i>	<i>capacetes azuis</i>
<i>flor de estufa</i>	<i>pé descalço</i>

Quadro VIII.19. Compostos de significação figural assente na metaforização e metonimização.

Em função da atuação destes mecanismos de significação figural, os produtos da composição, como os da derivação, podem exibir diferentes níveis de idiomaticidade semântica, ancorando-se numa significação mais ou menos composicional. Concebemos, portanto, a composicionalidade e idiomaticidade ou opacidade semânticas como polos inversos, sendo possível a existência de patamares intermédios de composicionalidade/idiomaticidade entre estes dois extremos.

Tendo em conta este *continuum* [+composicional | +idiomático], os produtos de composição podem organizar-se em três grupos: unidades de idiomaticidade semântica nula (ou unidades semanticamente composicionais), unidades de idiomaticidade intermédia e unidades de idiomaticidade máxima.

No grupo dos compostos marcados por um grau máximo de idiomaticidade encontram-se unidades cujo sentido global não é

dedutível a partir dos respectivos elementos compositivos, como *asoa-queixos*, *banho-maria*, *manga de alpaca*, *perna-de-moça*, *sangue frio* ou *unhas de fome*. Com efeito, o significado associado a cada um destes produtos de composição não é inferível a partir do significado dos respectivos constituintes, nem corresponde, em nenhum dos casos, a uma manifestação do que é denotado pelo elemento categorial e/ou morfologicamente nuclear. Na realidade, como se comprova pela significação associada a cada uma destas estruturas, trata-se de denominações de realidades conceptual e ontologicamente muito distantes daquelas que são designadas pelos respectivos elementos constitutivos: um *asoa-queixos* não denota nenhum objeto que sirva para assoar ou alguém que assoe, mas é antes uma denominação popular para ‘tabefe’; o *banho-maria* não é um tipo de banho, mas um ‘processo de aquecimento ou cozedura de um alimento a uma temperatura suave, em que o recipiente onde o alimento coze/aquece é mergulhado dentro de outro que contém água a ferver’; *manga de alpaca* não designa um tipo de manga, mas um funcionário rotineiro; *perna-de-moça* não denomina um tipo de perna, mas é usado como designação de um peixe (pescada) e (revelar) *sangue frio* também não se refere a um tipo de sangue com especiais características no que respeita à temperatura, sendo usado para designar ‘presença de espírito, frieza, serenidade’.

As denominações de opacidade semântica mediana exibem um significado global que, embora não resulte diretamente da soma do significado dos seus constituintes, conserva alguns dos traços semânticos de um deles, normalmente (mas não obrigatoriamente) do núcleo. Por isso, ainda que muitas vezes assente em processos de metaforização e/ou de metonimização, o significado destes produtos compositivos é, em princípio, descodificável por um falante de português língua-materna. É o que acontece em *arranha-céu*, *desporto-rei*, *lágrimas de crocodilo*, *nó cego*, *peixe-espada*, *trava-língua*. Um *arranha-céu* é um prédio que, pela sua elevada altura, quase chega



ao céu; o futebol é denominado *desporto-rei* porque, tal como o rei se destaca na hierarquia social, também o futebol tem lugar de relevo numa hipotética hierarquia desportiva. As *lágrimas de crocodilo* são lágrimas falsas, como as de um crocodilo; um *nó cego* é um nó que, pela forma como é apertado, não permite que se veja através dele. Um *peixe-agulha* é um peixe que, pela sua forma, se assemelha a uma espada/agulha e um *trava-língua* é um exercício que consiste em pronunciar sequências de palavras de difícil articulação.

Os produtos marcados por um menor grau de idiomaticidade são aqueles cujo significado resulta da soma dos significados dos seus constituintes. Efetivamente, a significação de produtos como *abre-latas*, *autor-intérprete*, *chefe de estado*, *energia elétrica*, *freio/travão de mão* ou *zona industrial* processa-se com base na articulação do significado literal de cada um dos seus elementos constitutivos.

No Quadro seguinte distribuem-se alguns produtos de composição de acordo com os níveis de idiomaticidade semântica evidenciados.

Níveis de idiomaticidade	[VN] <sub>N</sub>	[NN] <sub>N</sub>	[NprepN] <sub>N</sub>	[NA] <sub>N</sub>
<b>máximo</b>	<i>bate-papo</i> <i>borra-botas</i>	<i>água-pé</i> <i>gato-sapato</i>	<i>manga de alpaca</i> <i>toucinho do céu</i>	<i>roupa-velha</i> <i>saco azul</i>
<b>mediano</b>	<i>corta-mato</i> <i>trava-línguas</i>	<i>peixe-martelo</i> <i>desporto-rei</i>	<i>lágrimas de crocodilo</i> <i>dentes de leite</i>	<i>nó cego</i> <i>mercado negro</i>
<b>mínimo</b>	<i>abre-latas</i> <i>lança-mísseis</i>	<i>escola-modelo</i> <i>médico-dentista</i>	<i>jogo de vídeo</i> <i>freio/travão de mão</i>	<i>energia eléctrica</i> <i>sistema solar</i>

Quadro VIII.20. Níveis de opacidade semântica dos produtos de composição.

Dado que o grau de opacidade semântica varia, naturalmente, em função da competência lexical do falante, do grau de exposição às estruturas em jogo ou da capacidade de descodificar a significação literal e não literal do composto, muitos compostos há cujo semantismo se situa na fronteira dos graus acima indicados.

Efetivamente, há muitas estruturas, nomeadamente termos técnicos como *biorritmo*, *cintigrafia*, *taquicardia*, *moinho gástrico*, *caravela portuguesa*, que podem ser semanticamente opacas para uns e completamente transparentes para outros. É em função do perfil do falante que um composto é encarado como mais ou menos facilmente descodificável, ou ainda como marcado por idiomaticidade intransponível. Será o caso de *via verde*, provavelmente interpretável para um falante de português como língua materna, mas não como língua estrangeira: trata-se de vias/faixas efetivamente marcadas pela cor verde que, nas portagens de autoestradas, são dotadas de um sistema de reconhecimento automático de veículos que lhes permite a sua transposição sem qualquer paragem; neste sentido a cor verde simboliza também a permissão de passagem a quem tenha instalado o sistema *ad hoc*. Será também o caso de *cara metade*, denominação do/a parceiro/a de vida de alguém, que funciona como uma ‘metade’ do outro.

Em suma, as particularidades semânticas dos produtos de composição e, sobretudo, os diferentes graus de desfasamento entre o sentido literal e composicional e o sentido convencionalizado de uma palavra exigem, sobretudo para falantes não nativos, uma atenção suplementar para a sua descodificação.

## 8.7 Propriedades transversais

A análise multidimensional levada a cabo permite sublinhar propriedades transversais dos compostos que são indispensáveis para a caracterização da atuação deste processo genolexical em português. Tratando-se de unidades polilexemáticas, os produtos de composição exibem, como seria de esperar, propriedades muito distintas, tanto em função das características dos respetivos constituintes, quanto em resultado das particularidades associadas à combinatória destes últimos.

No entanto, apesar da diversidade que caracteriza os compostos do português, a sua análise permite identificar uma clara relação entre estrutura interna, posição e propriedades do núcleo e propriedades flexionais.

No que concerne à estrutura interna, os compostos do português, que incluem paradigmas de base vernácula (*amor-perfeito*, *bota de elástico*, *muda-malas*) e paradigmas de base neoclássica (*aristocracia*, *febrífugo*, *nevralgia*), distribuem-se por três grupos: compostos morfológicos (*caligrafia*, *económico-social*, *paleologia*), compostos morfossintáticos (*beija-mão*, *trabalhador-estudante*) e compostos sintagmáticos (*flor de estufa*, *grande área*). A distinção entre estes três tipos de produtos composicionais faz-se tendo em conta a natureza morfolexical dos constituintes (radicais e/ou palavras) e o maior ou menor afastamento destas estruturas relativamente às regras sintagmáticas atuantes em português. Apesar desta diversidade estrutural, as relações sintáticas que neles operam são sempre as mesmas três: coordenação, subordinação e modificação.

	<b>Coordenados</b>	<b>Subordinados</b>	<b>Modificativos</b>
<b>Morfológicos</b>	<i>político-cultural</i>	<i>febrífugo</i>	<i>caligrafia</i>
<b>Morfossintáticos</b>	<i>trabalhador-estudante</i>	<i>beija-mão</i>	<i>palavra-chave</i>
<b>Sintagmáticos</b>	<i>entra-e-sai</i>	<i>processador de texto</i>	<i>guerra civil</i>

Quadro VIII.21. Estrutura interna e relações sintáticas intracomposto.

Ao passo que os compostos coordenados exibem, por norma, dois elementos nucleares, nos compostos de subordinação e nos de modificação identifica-se uma única unidade nuclear. Existem, ainda, produtos compostos destituídos de núcleo. Os compostos que exibem unidade nuclear enquadram-se no âmbito dos compostos endocêntricos; os que dela são destituídos são compostos exocêntricos. Para a identificação desta unidade nuclear, determinante para uma correta leitura do composto e para a sua pluralização, têm-se em conta três dimen-

sões: morfológica, categorial e semântica. Assim, o expoente máximo de endocentrismo ocorre quando uma das unidades que compõem o composto se assume simultaneamente como núcleo morfológico, categorial e semântico (*escola modelo*). Contrariamente, um composto é maximamente exocêntrico quando é cumulativamente exocêntrico aos níveis morfológico, categorial e semântico (*faz-tudo, entra-e-sai*).

Se, por um lado, a determinação do núcleo de um composto está estreitamente relacionada com a respetiva estrutura interna, por outro lado, condiciona fortemente as operações de pluralização a que o produto em causa está sujeito. Efetivamente, os padrões de flexão associados aos compostos assentam em três dimensões complementares: (i) tipo de unidades lexicais em uso (radicais ou palavras), (ii) relação interna que entre elas se institui (coordenação, subordinação ou modificação) e (iii) posição e características do núcleo.

Os compostos morfológicos, coordenados, subordinados ou modificativos, exigem que a marca de pluralização ocorra na fronteira direita (*caligrafias, febrífugos, hispano-americanos*). Nos compostos morfossintáticos e nos compostos sintagmáticos, a pluralização é maioritariamente determinada pelo núcleo. Ocorrem, portanto, situações em que existem duas marcas de pluralização, como nos compostos coordenados (*surdos-mudos, trabalhadores-estudantes*), e situações de uma só marca de pluralização, presente no núcleo (*moinhos de vento, verbos de encher*). As construções de estrutura [NA]<sub>N</sub> (*marcas brancas*) e [AN]<sub>N</sub> (*grandes superfícies*) incluem duas marcas de pluralização, devido à concordância obrigatória entre N e A. O Quadro seguinte sintetiza esta relação entre relações sintáticas intracomposto, endo-/exocentrismo e padrões flexionais.

Padrões de flexão	Coordenação	Subordinação	Modificação
[X <sub>flexão</sub> Y]	-	<i>processadores de texto</i>	<i>fins de semana palavras-chave</i>
[X <sub>flexão</sub> Y <sub>flexão</sub> ]	<i>atores-encenadores surdos-mudos</i>	-	<i>grandes superfícies armas brancas</i>

[Det] <sub>flex</sub> [XY]	<i>os para-arranca os entra-e-sai</i>	<i>os sabe-tudo os faz-tudo</i>	<i>os fala-barato</i>
[XY] <sub>flex</sub>	<i>económico-sociais bispano-americanos</i>	<i>herbicidas</i>	<i>democracias</i>

Quadro VIII.22. Relações sintáticas intracomposto, endo-/exocentrismo e padrões de flexão.

A análise semântica e conceptual dos produtos de composição evidencia também a existência de uma outra tendência transversal estruturante das diferentes modalidades de composição: a composição assume-se como um processo genolexical ao serviço da produção de denominações de pendor maioritariamente [+concreto]. Independentemente das relações internas em que assentam, os compostos do português são denominações de objetos, seres, animais, plantas, que denotam realidades de áreas lexicais próximas do quotidiano do falante comum, ou são termos técnicos de léxicos de especialidade. Muitas das denominações menos técnicas ancoram-se na ativação de mecanismos de alteração de significado como a metáfora e a metonímia, refletindo claramente influências da própria cultura das comunidades onde são usadas. Apesar desta tendência, há um importante grupo de produtos de composição, assentes nos esquemas compositivos [NA]<sub>N</sub> e [NprepN]<sub>N</sub> que, designando realidades associadas à ciência e à técnica, são de circulação internacional (*cadeia de fornecimento, linha de montagem, taxa de câmbio*). Também os compostos de base greco-latina se afiguram como denominações facilmente reconhecíveis internacionalmente (*democracia, genocídio, pedagogia*)<sup>116</sup>.

<sup>116</sup> O pendor internacional associado aos compostos de base neoclássica é amplamente sublinhado, nomeadamente por Iacobini (2004: 69), que afirma que «i composti neoclassici sono anche detti internazionalismi perché compagno con il medesimo significato e con forma quasi idêntica in diverse lingue (it. Biometria, fr. Biométrie, ing. Biometrics, ted. Biometrie, sp. Biometria [...]), distinguendosi in ciò dalle parole del lessico comune di ciascuna língua, le quali sono invece caratterizzate da plurivocità di sensi e da maggiori differenze foniche da una língua all'altra».